

CESAR MOREIRA ROCHA

**PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
DO RECEIO AO RECONHECIMENTO**

**MEN TEACHERS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: FROM THE
FEAR TO THE RECOGNITION**

Campinas

2012

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CESAR MOREIRA ROCHA

**PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
DO RECEIO AO RECONHECIMENTO.**

ORIENTADORA: HELENA ALTMANN

**MEN TEACHERS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: FROM THE FEAR TO
THE RECOGNITION**

Trabalho de Conclusão apresentado à Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A VERSÃO FINAL DA MONOGRAFIA DEFENDIDA PELO ALUNO CESAR MOREIRA ROCHA E ORIENTADO PELA PROF^a. DR^a. HELENA ALTMANN

Assinatura da orientadora

CAMPINAS, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
DULCE INES LEOCÁDIO DOS SANTOS AUGUSTO – CRB8/4991
BIBLIOTECA “PROF. ASDRUBAL FERREIRA BATISTA”
FEF - UNICAMP

Rocha, Cesar Moreira, 1986-

R582p Professores homens na educação infantil: do receio ao reconhecimento / Cesar Moreira Rocha. -- Campinas, SP: [s.n], 2012.

Orientador: Helena Altmann.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Educação infantil. 2. Gênero. 3. Homens. 4. Docência. I. Altmann, Helena. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Men teachers in early childhood education: from the fear to the recognition.

Palavras-chave em inglês:

Early childhood education

Gender

Men

Teaching

Banca Examinadora:

Helena Altmann [Orientador]

Simone Cecília Fernandes

Data da defesa: 06-12-2012

Graduação: Licenciado em Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Helena Altmann
Orientadora

Prof^a. Ms^a. Simone Cecília Fernandes
Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Silvia Cristina Franco Amaral
Responsável pela disciplina

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais,
que a cada dia me ensinam a ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Tarefa difícil essa de agradecer, ainda mais quando temos tantas pessoas que de variadas formas fazem parte dessa história.

Acredito que Deus nos dá sabedoria e força para trilhar o caminho da vida, por isso sei que Ele sempre esta ao meu lado. OBRIGADO DEUS.

Dete e Celso, minha mãe e meu pai, como lhes agradecer? Nem todo o ouro do mundo pode pagar por tudo que eles fazem por mim. São fonte de inspiração todos os dias.

Aline, minha irmã, parceira, companheira de todos os momentos, bons ou ruins. Sei que sempre poderei contar contigo.

Agradeço a professora Helena Altmann que literalmente me levou pela mão nesse processo todo. Ainda pareço um menino que não sabe direito por onde caminhar, então a professora entendeu isso e me conduziu com sensibilidade para a conclusão dessa etapa.

Agradeço também a Simone Fernandes que mesmo com tantos compromissos pessoais, conseguiu reservar tempo e empenho para participar da banca examinadora como segunda leitora.

Agradeço a professora Silvia Amaral e ao Dirceu pela ajuda oferecida na disciplina seminário de monografia.

Agradeço a Beatriz Ruela que foi de fundamental importância para a conclusão desse estudo. Com apoio moral, intelectual, logístico, ela também me levou pela mão para que eu pudesse depois andar com minhas próprias pernas. Obrigado Bia.

Agradeço a Cintia Patti que também me forneceu apoio intelectual e moral para a confecção deste TCC.

Agradeço a Aline Cabrera, minha irmãzinha do coração que dividiu minhas angustias e medos, e me incentivou a sempre continuar quando desanimava.

Agradeço também ao João e Silvio que com as conversas que tínhamos em casa, me ajudaram numa maior reflexão sobre o assunto.

Agradeço a turma 07 Noturno por todos estes anos de muita alegria e amizade.

ROCHA, Cesar Moreira. Professores homens na educação infantil: Do receio ao reconhecimento. 2012. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso fala sobre os professores homens que desenvolvem seu trabalho com crianças pequenas na rede Municipal de Educação Infantil de Campinas. A partir de análise das relações de gênero, buscamos entender que processos e caminhos percorreram estes docentes para permanecer num ambiente de trabalho historicamente feminino. Através de entrevistas com quatro professores, revisão de literatura e minha experiência profissional enquanto educador, traçamos algumas discussões no sentido de entender como surge o atendimento a crianças pequenas no Brasil e como esse espaço se torna um campo de trabalho eminentemente feminino. Procuramos compreender porque existe receio por parte das famílias das crianças ao se deparar com um docente do sexo masculino na educação infantil e como depois de passarem por um “ritual de passagem”, estes homens são reconhecidos enquanto professores competentes e recebem a aprovação para trabalhar com os/as pequenos/as.

Concluimos que esse “medo” do homem como possível abusador não possui argumentos sólidos para justificar que homens não poderiam estar nestes ambientes educativos e que depois de derrubado este estereótipo o que vemos são ótimos profissionais desenvolvendo seu trabalho docente, junto às mulheres, com crianças pequenininhas.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação infantil; gênero; homens; docência.

ROCHA, Cesar Moreira. Men teachers in early Childhood education: From the fear to the recognition. 2012. 71 f. Monography (Graduate in Physical Education)-School of Physical Education, State University of Campinas, Campinas, 2012.

ABSTRACT

This course conclusion work talks about the male teachers who develop their work with young children in early childhood education network Municipal de Campinas. From analysis of gender relations, we seek to understand what processes and paths traveled these teachers to stay in a historically female work environment. Through interviews with four teachers, literature and my professional experience as an educator, we draw some discussions in order to understand how it arises care for young children in Brazil and as this space becomes a labor camp eminently feminine. We seek to understand why there is fear on the part of families of children when faced with a male teacher in early childhood education and how after going through a "rite of passage", these men are recognized as competent teachers and receive approval to work with the / the small / as.

We conclude that this "fear" of man as a possible abuser has no solid arguments to justify that these men could not be educational environments and dropped after this stereotype that we see are great professionals developing their teaching, with women, with children little niggling .

Keywords: Early childhood Education; Gender; Man; Teaching

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Minha trajetória	12
1.2	Metodologia da pesquisa	16
2	CONSOLIDAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	18
2.1	Surgimento das creches no Brasil	18
2.2	Homens na educação infantil	21
3	SER HOMEM E SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL	24
3.1	Os diversos caminhos para a escolha profissional	24
3.2	A inserção na educação infantil	26
3.3	Corpos de crianças a serem cuidados e educados por homens: Do receio	29
3.4	Do reconhecimento	35
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	43
	ANEXOS	45
	ANEXO I	45
	ANEXO II	46

1 INTRODUÇÃO

“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem; lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize”.

Boaventura de Souza Santos

Esta pesquisa diz respeito aos corajosos homens que decidiram de alguma forma se enveredar num campo de trabalho feminino.

Trabalhando na Educação Infantil (EI), percebi que existiam poucos homens desenvolvendo atividades educativas neste espaço escolar. As mulheres desde o nascimento desta etapa do ensino básico são a imensa maioria na execução do trabalho docente. Na verdade, elas foram as grandes responsáveis para que tal instituição viesse a existir e que fosse com muita luta, reconhecida enquanto uma das importantes fases da educação brasileira.

Tal fato é explicado pelo modo que a sociedade brasileira se construiu com base nas relações de gênero, aqui entendido como “elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1990 p. 41). Assim foi dito e incentivado que enquanto os homens deveriam enfrentar o mundo público do trabalho competitivo, as mulheres ficariam em suas casas, tomadas pelas tarefas domésticas e principalmente dispensando cuidados (maternagem)¹ aos filhos e filhas pequenos/as. Dessa forma, historicamente às mulheres foi atribuída a função de cuidar e educar as crianças pequenas, negando os homens desse processo.

Toda esta construção se refletiu na EI, que por excelência é o espaço das crianças pequenas. As mulheres foram as primeiras trabalhadoras desse espaço que se tornou uma extensão do lar; executavam uma tarefa que já desenvolviam dentro do ambiente familiar. Assim, a docência na EI tomou de empréstimo um gênero, ou seja, um modo de condução das práticas (educativas ou não) dentro da rotina destes espaços e este é o feminino.

¹ De acordo com Sayão (2005), o termo maternagem ficou conhecido no Brasil como os cuidados dispensados às crianças pequenas.

Este modo feminino a que me refiro diz respeito a concepções voltadas para a maternidade, onde a professora seria uma segunda mãe das crianças ou até uma substituta nos tempos e espaços de falta da mãe biológica. Assim nos remetemos ainda a uma visão doméstica de educação infantil, onde as mulheres e mães seriam naturalmente as mais indicadas a trabalhar nestes ambientes com crianças pequenas, excluindo assim a formação como fator primordial para se desenvolver trabalho docente com os/as pequenos/as.

Aos homens é remetido um gênero (masculino) que foi construído de maneira a se opor ao feminino. Se as mulheres possuem os atributos defendidos como ideais para se trabalhar com crianças, como: amor, calma, brandura... Aos homens foi inscrito exatamente o oposto, estes seriam: Ríspidos, intolerantes, severos...

Dessa forma, foi difundido que as mulheres teriam um “dom natural” para exercer a profissão e os homens, de acordo com seus atributos, se ocupariam de outras funções que não os processos educativos relacionados às crianças pequenininhas.

Desde que o masculino começou a se inserir nestes espaços e até hoje, sua presença é tida com certa estranheza, seja pelas famílias das crianças, pelas outras profissionais que compõe a escola ou pela sociedade em geral. Chegou-se a pensar que estes homens estariam fora de lugar tendo escolhido trabalhar num ambiente onde só existiam mulheres.

Assim, no primeiro capítulo abordaremos um breve relato de minha experiência enquanto educador de crianças pequenas. É deste contato pessoal que surgiram as primeiras inquietações e provocações que nos levaram a tal estudo aqui exposto. São nestas histórias que me deparei pela primeira vez com as formas do preconceito de gênero relacionado ao trabalho masculino na EI. Também enfrentei os “Rituais de Passagem” que se constituem nas provas a que os professores homens são submetidos a fim de comprovarem sua capacidade de desenvolver o trabalho docente com crianças pequenas (SAYÃO, 2005).

A metodologia utilizada para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consistiu em entrevistas abertas com quatro dos sete docentes do sexo masculino que desenvolviam seus trabalhos na Rede Municipal de Educação Infantil da Cidade de Campinas. Todos eles efetivos e regentes de turma. Apoiamos-nos também em revisão da literatura produzida até agora sobre o tema, que ainda é escassa e necessita de mais estudos como este para uma maior compreensão sobre o assunto.

No segundo capítulo tentamos resgatar breve histórico sobre o início do atendimento a crianças no Brasil. Constatamos que a princípio tinha-se apenas uma visão puramente assistencialista e filantrópica, que consistia em receber filhos/as de mães operárias. Todas estas provenientes das camadas populares.

Com o desenvolvimento da sociedade capitalista e a maior inserção da mulher no mercado de trabalho, esta começou a reivindicar espaços de qualidade para deixar os/as pequenos/as enquanto trabalhavam. Portanto a EI ainda não era um direito das crianças e sim da mãe trabalhadora. Na década de 70, junto com as lutas feministas e outros grupos organizados surge o Movimento de Luta por Creches que teve importância fundamental para a expansão destas instituições.

Já no final da década de 80 com a Constituição Federal de 88, a EI é reconhecida enquanto dever do Estado, opção da família e direito da criança de 0 a 6 anos. Essa lei abre precedentes para que em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a EI fosse reconhecida enquanto primeira etapa da educação no Brasil. Desde então, a intencionalidade com cunho pedagógico ocupa mais espaço nas ações educativas, deixando cada vez mais de lado a visão assistencialista que possuía em seu início.

No terceiro capítulo iremos abordar a partir das histórias de nossos sujeitos, o que é ser homem e ser professor na EI. Que caminhos percorreram estes profissionais para a escolha desta carreira e o que encontraram quando chegaram nestes ambientes. Que formas de resistência a sua presença foram colocadas e que estratégias eles desenvolveram para serem reconhecidos enquanto profissionais competentes.

O fato da proximidade de homens com os corpos das crianças pequenas nos momentos de higiene pessoal, como a troca de fraldas ou a ida ao banheiro, parece ganhar relevância no que diz respeito a certo “pânico moral” imposto grande parte pela mídia, impondo que todos os homens são abusadores em potencial (FELIPE, 2006). E é deste medo que surgem as maiores inquietações por parte das famílias das crianças quando se deparam com um profissional do sexo masculino trabalhando com seu/sua filho/a. Dentro do ambiente escolar os professores homens parecem enfrentar um “Ritual de Passagem”, onde eles têm que provar que “dão conta”, que sabem e podem exercer tal profissão. E só depois de aprovados é que são reconhecidos enquanto docentes de crianças pequenas (SAYÃO, 2005).

Portanto a pesquisa que segue se torna uma contribuição para a superação de preconceitos construídos por uma sociedade ainda normativa no que diz respeito às questões de classe, raça, etnia e gênero.

1.1 Minha trajetória

Esta monografia analisa a presença dos docentes do sexo masculino na educação infantil (EI). A escolha do tema de estudo e o enfoque dado ao mesmo, estão relacionados à minha experiência profissional, sobre a qual discorro a seguir.

No final do ano de 2008 a Prefeitura Municipal de Campinas realizou concurso público para provimento de cargos efetivos de agente de educação infantil. Na mesma época eu atuava como estagiário, dando aulas de educação física, em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) que se localiza dentro do Campus da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O estágio era de algumas horas por semana, mesmo assim, pensei que o trabalho desenvolvido pelo cargo oferecido no edital poderia ser parecido com o que já desenvolvia no estágio, por isso, me inscrevi no concurso.

Fui aprovado no processo e em fevereiro de 2009, ingressei em uma EMEI que escolhi pela proximidade de minha casa e da faculdade. Quando me apresentei na EMEI para assumir o cargo, percebi que de alguma forma minha presença causava certo impacto, mas ainda não me intrigava, pois era tudo novo para mim.

Fui apresentado a todas as professoras que se encontravam em suas salas e parece que essa apresentação causou certa inquietação na escola. A diretora me perguntou se eu tinha experiência com crianças e eu disse que sim. De acordo com essa resposta fui alocado numa turma de agrupamento 3 de período integral, onde há um/a professor/a no período da manhã e um/a monitor/a² no período da tarde, onde ambos desenvolviam seus trabalhos sozinhos (sem

² Daqui para frente utilizarei o termo monitor como sinônimo de agente de educação infantil, que é uma nomenclatura também usada na rede municipal e designa a mesma profissão.

auxílio) em seus respectivos horários com 30 crianças na faixa etária de 2 anos e 10 meses a 4 anos.

Como as crianças dessa faixa etária não precisavam de tantos cuidados corporais, como ajuda para ir ao banheiro, as famílias não estranharam muito e nos primeiros meses a maior dificuldade foi saber lidar com os/as pequenos/as. Há uma grande expectativa diante da/o professor/a de EI de que “dê conta” da turma, num sentido de controlar os corpos de meninos e meninas. Esta exigência antecede e até agrega mais valor do que as outras práticas pedagógicas que promovem o desenvolvimento das crianças. Em outras palavras, o controle corporal é tido como imprescindível para o processo educativo e o bom andamento da sala e da instituição como um todo. Assim adquirir certa “habilidade” de controle foi o primeiro desafio com o qual me deparei. Tal preocupação também pode ser vista em outras EMEI’s, através de outros estudos. Pesquisando uma EMEI também da cidade de Campinas, Liane Uchôga (2007) observou que as educadoras investiam muito tempo controlando os corpos e os movimentos das crianças para poder desenvolver seus trabalhos.

Nesse primeiro ano de trabalho não tive problemas por ser homem e estar num local tomado por um modo feminino de cuidar e educar as crianças, já que esses dois princípios segundo vários autores (Barretos, 1994; Campos, 1994; Cerisara, 1996; Bufalo, 1997; Mello, 2001; Faria, 2002; Ávila, 2003) são elementos indissociáveis na educação infantil. Talvez por ser ainda um mundo novo e cheio de novidades, não me atentei para o fato de estar num local onde só haviam dois monitores (incluindo eu) e dois vigilantes homens que ficavam nos portões de entrada e saída num espaço com mais de 60 mulheres que faziam parte do Centro Integrado Municipal de Educação Infantil (CIMEI) que é composto por uma EMEI e um Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI)³

Já no segundo ano de trabalho ingressei em uma turma de agrupamento 2, que é constituída por crianças de 1 ano e 10 meses até 3 anos, e neste caso a docência é organizada com um/a professor/a e 2 monitores/as no período da manhã e 2 monitores/as no período da tarde, e nesse caso minha equipe era composta de 4 mulheres e 1 homem. Assim diferentemente da minha primeira turma, essas eram crianças menores que demandavam maiores cuidados corporais, como a troca de fraldas, maior ajuda nas refeições, banhos, trocas de roupa e principalmente acompanhamento para ir ao banheiro para aqueles que já deixaram as fraldas ou se encontram neste processo de transição. Dessa forma houve certo

³ O CEMEI também é chamado de creche (0 a 3 anos), espaço dos bebês.

estranhamento por parte das famílias. Num primeiro momento, nenhuma chegou a se manifestar formalmente, mas por vezes se mostravam surpresas e até mesmo confusas quando se deparavam com um homem trabalhando na turma de seu/sua filho/a. Algumas não sabiam como reagir, em certas ocasiões lançavam um olhar desconfiado, inquiridor, avaliativo, como se perguntassem a si mesmos: quem será esse homem que resolveu adentrar num campo feminino de trabalho? Informalmente perguntavam às outras educadoras do meu grupo se eu fazia tudo que elas faziam ou se não tínhamos uma diferenciação no trabalho para dividir o que homens poderiam fazer e o que só as profissionais do sexo feminino estariam aptas.

Certa ocasião me incomodou bastante, pois até então todo esse estranhamento não tinha passado do campo das perguntas informais e olhares desconfiados. Um menino entrou na minha turma depois de certo tempo do começo do ano escolar e por conta do meu horário de trabalho durante algumas semanas a sua família não me conheceu. Quando a mãe veio buscá-lo e percebeu que havia um homem fazendo parte da equipe docente, levou um susto. No mesmo dia chamou a professora em um local reservado e fez as mesmas indagações de outras pessoas como, por exemplo, se homens trocavam fraldas e acompanhavam as crianças ao banheiro. A professora respondeu que os homens faziam o mesmo trabalho que as mulheres, não havia nenhuma restrição e que nunca havia tido nenhum problema. Em contrapartida a mãe respondeu à professora que não concordava com essa situação, pois segundo palavras dela: “... *são nesses lugares que o lobo procura suas vítimas...*” depois desse dia o menino nunca mais frequentou a EMEI. A professora numa atitude padrão ligou para a família para perguntar o motivo das ausências frequentes do menino e obteve a clara resposta de que a família não se sentia segura em deixar seu filho numa escola onde homens desenvolviam o trabalho com crianças pequenas.

A princípio, ao saber desse motivo para a saída do menino, fiquei surpreso e triste, porque até então eu não tinha tido nenhum problema real com familiares dos meninos e meninas que frequentam a EMEI. Essa foi a primeira situação real de preconceito de gênero enquanto ao trabalho masculino na EI.

A equipe gestora, enquanto mediadora das relações entre profissionais e famílias, a respeito desse fato, não tomou nenhuma medida a fim de sanar o impasse. Não me passaram nenhuma orientação. Na verdade, parecia que não havia acontecido nada. Eu enquanto profissional ainda inexperiente para saber lidar com situações assim, fiquei calado, fingindo também que não era “nada demais”.

A partir desse fato comecei a me perguntar qual seria a análise que as famílias, as/os demais profissionais do espaço escolar e a sociedade em geral fariam de minha presença neste espaço feminino?

Dentro do espaço educativo as barreiras a se enfrentar eram outras. Parece existir uma espécie de ritual ou uma necessidade de se provar que nós, enquanto homens, também sabemos cuidar e educar crianças pequenas. E só depois desta comprovação é que somos reconhecidos enquanto profissionais desta área. Os comentários eram de que este era um trabalho criado para as mulheres, pois estas já possuíam os atributos ideais e necessários para tal, negando assim a formação enquanto processo de construção da docência na EI.

Outro retorno que eu recebia eram comentários de que por eu estar trabalhando na EI com crianças pequenas, posteriormente quando tivesse meus/minhas próprios/as filhos/as seria um bom pai. Talvez um pai mais atento aos cuidados corporais, visto que ainda hoje muitos pais delegam essa função exclusivamente às mães argumentando que está seria uma preocupação só da mulher, isto quando pensamos numa família tradicional nuclear.

Nestes três anos de trabalho com crianças pequenas na prefeitura de Campinas enfrentei outras situações que claramente envolviam o preconceito de gênero em relação ao meu trabalho. Algumas famílias se dirigiam a Equipe Gestora para fazer suas indagações e esta respondia de maneira simplista, argumentando que como nunca tinha ocorrido nenhum problema, as famílias não precisavam se preocupar. A diretora ainda ressaltou a uma mãe que sempre havia muitas pessoas passando pelos corredores da escola, sempre havia muita movimentação, por isso não havia perigo. Ou seja, nós (monitores homens) estávamos sempre sendo “vigiados” e por isso não teríamos “oportunidade” para cometer nenhum ato suspeito.

Em outras ocasiões, quando já era muito evidente a preocupação da família, eu mesmo pedia uma reunião juntamente com a professora responsável pela turma, e assim esclarecia a forma que conduzia meu trabalho docente, o gosto que tinha em estar junto às crianças, tentando dessa forma, “acalmar” ou na verdade, informá-los que esta é uma ideia preconcebida pela sociedade e que não há nenhum argumento sólido para sustentar que homens não podem ter contato (educativo ou não) com crianças de pouca idade.

E assim, essas questões foram permeando meus pensamentos sobre a educação infantil, sobre como poderia contribuir para a construção de uma pedagogia pautada no respeito às diferenças, com intenção na efetiva cidadania destes pequenos atores sociais,

possuidores de direitos. E não no aprisionamento de conceitos arcaicos construídos por uma sociedade ainda machista, preconceituosa, racista, excludente, heterossexista e normativa.

Posto este pequeno relato de minha jornada pela educação infantil, o trabalho que se segue é uma reflexão/problematização sobre a presença do gênero masculino enquanto docente de crianças pequenas, como também os caminhos que percorreram desde a inserção nesta fase de ensino até o reconhecimento enquanto profissionais competentes.

1.2 Metodologia de pesquisa

Para compor os sujeitos que fariam parte desta pesquisa, o primeiro passo foi obter da secretaria de educação do município a relação de professores e monitores do sexo masculino que desenvolviam seus trabalhos em instituições de educação infantil.

Na época⁴ em que tive acesso a estas informações, existiam 84 monitores, ou seja, aqueles que não necessariamente precisam de formação específica para atuar com as crianças, além do ensino médio completo, e um total de **sete professores**, docentes estes, com formação superior em pedagogia e regentes da turma.

Assumo que essa informação no momento me trouxe certa surpresa, porque até então eu não tinha conhecimento de professores homens atuando em Campinas, e essas informações vêm de encontro com a bibliografia que traz a ínfima proporção de homens nesta fase de ensino (SAYÃO, 2005).

Pelo pequeno número de professores e por questões estratégicas metodológicas optamos por focar nossos olhares a estes poucos homens que juntamente com os monitores estão transgredindo de alguma forma este espaço feminino.

Para autorização desta pesquisa submetemos a mesma ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unicamp. Foi aprovado por tal instância e assim confeccionamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que entregamos a todos os sujeitos envolvidos neste estudo.

Com o nome das escolas onde se encontravam esses docentes, empreendi uma busca pela internet para conhecer os endereços e a melhor forma de chegar até os mesmos, pois Campinas é uma cidade muito grande, e todos os locais se encontravam distantes do centro da cidade.

⁴ Março de 2011.

Por motivos de desencontro de horário e especificidade da rotina das creches, dos sete professores consegui estabelecer maior contato com quatro deles e estes se constituíram nos sujeitos do recorte da nossa pesquisa.

Para colher as informações necessárias, escolhemos por fazer entrevistas seguidas por um roteiro pré-estabelecido, mas não fechado. Durante o decorrer das entrevistas poderíamos mudar as perguntas de acordo com o que nos relatassem os sujeitos a fim de colher a maior quantidade de informações possível para uma melhor exploração do tema. Como possuía pouco tempo hábil para as entrevistas por conta de meu horário de trabalho e do horário dos professores que também era escasso, optamos por entrevistá-los dentro do próprio espaço escolar, em sala ou espaço reservado para uma conversa calma e aberta.

Nesse ponto é importante frisar que essa trajetória se deu em dois momentos. O envio da proposta ao CEP, a ida até a secretaria de educação e o contato com os primeiros professores se deram no primeiro semestre de 2011. Em julho do mesmo ano sofri um acidente de moto que me deixou afastado por longos nove meses do trabalho e da pesquisa também. Assim só em abril de 2012 fui retomar contato com os outros professores para a conclusão das entrevistas.

As entrevistas foram registradas em gravador digital e transcritas de forma integral no mesmo dia para que não se perdesse a essência das mesmas.

Os quatro professores participantes se mostraram bastante receptivos à minha abordagem e interessados quando eu lhes explicava o tema e os objetivos do estudo. Antes de conversar com os docentes sempre era enviado primeiro até a sala da equipe gestora da EMEI, e esta também demonstrava empolgação com a nossa escolha temática e falavam sobre a importância de tal pesquisa para a EI.

A partir das entrevistas e da revisão de literatura nos lançamos a uma discussão entre as mesmas para encontrar pontos em comum, divergências, complementaridades. Minha experiência pessoal também serviu de apoio para constatações e problematizações no desenvolvimento do trabalho. Mas sempre tomando o cuidado do distanciamento de minhas concepções sobre o assunto enquanto educador e pesquisador, para que não incorresse no erro de fazer julgamentos sem base de argumentos sólidos ou apoiados pela literatura produzida sobre o tema.

2 CONSOLIDAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

2.1 Surgimento das creches no Brasil

No Brasil o atendimento à infância surge como resultado da intensa urbanização e industrialização que o país passava no final do séc. XIX. Segundo Faria (1997) em nosso país o processo de criação dessas instituições não se dá apenas para atender as/os filhas/os de mães operárias, mas também para receber os/as filhos/as de escravas que trabalhavam como empregadas domésticas.

Esses espaços nascem com cunho estritamente assistencialista, onde a preocupação era ligada a questões de higiene, alimentação e cuidado, ou seja, um local onde as mães trabalhadoras poderiam deixar seus/as filhos/as em segurança para poder fazer parte da sociedade economicamente ativa.

De acordo com Kramer (2006) outro motivo para o aparecimento destas instituições se deu a partir da preocupação dos higienistas, que dispensaram atenção à infância, motivados pela alta taxa de mortalidade infantil que vigorava na época e assustava grupos privados, tais como: médicos, associações de damas beneficentes, etc. Dessa forma, a intenção era reduzir estes índices, e para tal recebiam auxílio do Estado, mas este ainda não reconhecia o cuidado para com as crianças enquanto uma responsabilidade social e sim uma questão do indivíduo para com sua prole. “No caso de crianças, é responsabilidade dos pais ou parentes, não do Estado, prover esses meios de subsistência até que as crianças possam provê-los por si próprias [...]” (CHAVES, 2007, p.17).

De acordo com Spada (2006) as primeiras instituições voltadas para a infância no Brasil tinham um caráter de amparo aos necessitados, por isso, que durante muito tempo as creches estavam vinculadas a instituições filantrópicas e ligadas aos órgãos de bem estar social e assistência, e não estavam atrelados a educação.

O jardim de infância foi a primeira instituição pública de atendimento à criança criada no Brasil. Os primeiros receberam forte influência de Friederich Froebel, que preconizava o desenvolvimento de um trabalho sistemático com as crianças pequenas, fundamentado em jogos e brincadeiras, seguindo uma minuciosa rotina de atividades que tinham, sobretudo um caráter disciplinador, visando promover uma boa formação moral. Um dos primeiros jardins de infância implantados no país foi criado no ano de 1896, como anexo à antiga Escola Normal do Estado, Caetano de Campos, localizada na cidade de São Paulo. (KUHLMAN JR apud SAPA, 1998).

Durante a década de 30, as mães que trabalhavam fora do lar, ainda enfrentavam grande problema: onde e com quem deixar seus/suas filhos/as enquanto estavam fora e por isso passaram a lutar por seus direitos.

Na dificuldade em obter ajuda familiar ou comunitária, as mães passaram a pressionar o Estado e as empresas privadas para organizar e manter creches. A intervenção do Estado, durante o governo Vargas, não significou ainda a responsabilidade de prover esse atendimento; este criou uma resolução na Constituição das Leis Trabalhistas (CLT), obrigando as empresas a manter berçários, no local de trabalho. (RUIZ, 2006, p.6)

Com a finalidade de atender aos filhos dos trabalhadores, foram criados no ano de 1935 os primeiros Parques Infantis de caráter municipal, distribuídos em bairros de grande concentração de operários na cidade de São Paulo. Estes parques estavam ligados ao Departamento de Cultura do Município de São Paulo, tendo Mário de Andrade como principal idealizador, além de diretor. Nesse período, os parques atendiam a crianças de 3 a 6 anos e também as de 7 a 12 anos, sendo que essas últimas frequentavam a instituição em período oposto àquele em que frequentavam a escola regular. O atendimento oferecido à faixa etária de 7 a 12 anos tinha o intuito de assistir, educar e recrear as crianças. A partir da década de 1940, os parques infantis difundiram-se pelo Brasil. (FARIA apud SPADA, 1999).

Mesmo assim, até a década de 70 estas instituições não conseguiam atender à demanda da sociedade, principalmente das camadas populares onde se encontravam as mulheres que cada vez mais estavam sendo inseridas no mercado de trabalho formal. Principalmente no que diz respeito às crianças de 0 a 3 anos, as vagas eram ainda mais escassas, o que claramente gerava a necessidade de políticas públicas voltadas para este setor.

Em 1972 os parques infantis municipais passaram a receber somente crianças entre 3 e 6 anos de idade, dessa forma 3 anos depois passaram a se denominar Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI), mudando de um caráter puramente assistencialista

e recreativo para uma abordagem com cunho mais pedagógico. Porém, essas instituições só recebiam as crianças em período parcial, constituindo-se num outro problema para as mães que trabalhavam o dia inteiro. “Assim, muitas mães de crianças com idade entre quatro e seis anos, preferiam matricular seus filhos em creches que já sofriam pressão pelo aumento do número de vagas por mães de crianças de zero e três anos.” (SPADA, 2006).

Em meio a este cenário de reivindicações e ao contexto político (ditadura) da época surgem movimentos organizados, dentre eles se estrutura o Movimento de Luta por Creches.

Esse movimento vigorou no município de São Paulo de 1978 a 1982 e desempenhou importante papel na reivindicação pela expansão das vagas em creches, apontando essa instituição como uma necessidade da sociedade e indicando como responsabilidade do Estado sua criação e manutenção. (SPADA, 2005, p.4)

Este movimento tem forte influência do movimento feminista que desenvolvia suas ações de protesto e reivindicação em vários âmbitos da sociedade em prol da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Dentre estas lutas estava o direito da mulher a trabalhar fora de casa e por isso a necessidade de espaços educativos de qualidade para que pudessem deixar seus/as filhos/as. Dessa maneira a própria educação infantil se torna uma alternativa de trabalho para elas que já desenvolviam este trabalho dentro de suas casas, por tanto a creche sempre foi um palco de atuação das mulheres (CAMPOS, 1999).

Como ainda vemos hoje, o governo estava preocupado com a expansão do número de vagas deixando em segundo plano a qualidade do atendimento, dessa maneira as crianças mais pobres continuavam recebendo uma atenção inferior num sentido de reforçar ainda mais as desigualdades ao invés de se tentar saná-las. Com a intenção de redução de custos e a resolução rápida do problema da demanda, o Estado agia por meio de convênios com instituições privadas, criando assim as creches de administração indireta.

Com o conhecimento desse panorama da educação infantil brasileira vamos ver que a situação começa realmente a mudar somente em 1988 com a promulgação da Constituição que reconhece a creche como um dever do Estado, opção da família e direito da criança de 0 a 6 anos.

Enquanto as constituições anteriores viam o atendimento à infância somente na condição assistencialista, de amparo à infância pobre, necessitada, a nova Constituição nomeia formas de garantir não somente esse amparo, mas também a educação da criança. Ao subordinar o atendimento em creches e pré-escolas à área da educação, a Constituição de 1988 dá o primeiro passo rumo à superação do

caráter assistencialista que até então predominava nos programas de atendimento à infância (SPADA, 2005, p. 5).

A institucionalização da educação da infância ao longo do tempo vem recebendo vários nomes que denominam estes espaços, tais como: “jardins da infância, escola maternal, sala de asilo, escola de tricotar, creche, pré-primário, pré-escola, etc” (ABROMAWICZ, 2003, p. 14).

Um avanço fundamental é alcançado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (Lei 9394/96) que reconhece a educação infantil como a primeira etapa da educação básica.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Assim a EI dá um grande salto para deixar de vez a concepção de assistencialismo que ainda estava presente nas instituições para assumir de fato seu papel educativo. A formação para trabalhar com crianças pequenas se torna imprescindível, pois agora a intencionalidade pedagógica é uma das principais formas de atuação do/a professor/a.

A docência na EI nasce como profissão feminina, historicamente as mulheres é que assumiram estes cargos nestas instituições sendo responsáveis pela condução das práticas e saberes sobre este espaço. Por isso adiante analisaremos através da literatura como os homens se constituem enquanto educadores na EI e quais são os processos relativos à presença masculina nestes ambientes educativos.

2.2 Homens como educadores na educação infantil

Para pensar a experiência de docência do homem na educação infantil, partimos do pressuposto de que eles são minoria nessa etapa do ensino básico, segundo Débora Sayão (2005) os homens correspondem aproximadamente à ínfima proporção de 6% dos educadores

brasileiros nesse segmento. Porém, mesmo sendo em quantidade tão pequena eles estão nesse meio marcando sua presença e suas formas de fazer e pensar a educação infantil.

A feminização do magistério e o advento da creche enquanto campo de trabalho feminino, são de fundamental importância para entender a escassez do masculino nessa fase de ensino, por isso abordarei esse aspecto de forma mais detalhada mais a frente.

É importante ressaltar que a docência na educação infantil é uma profissão muito recente e que vem sendo construída a cada dia pelos (as) profissionais que nela atuam diretamente, pelas meninas e meninos pequenos que a frequentam e pelos (as) estudiosos (as) da área.

Retomando alguns estudos com essa temática de gênero na docência apresentamos Sayão (2005). Nessa pesquisa, a autora procurou estudar os homens professores de creche da rede municipal na cidade de Florianópolis e para isso fez entrevistas e observações de campo. Ela parte do pressuposto de que a profissão é tipicamente feminina e que o trabalho é caracterizado pela dualidade entre cuidado/educação e que o corpo está no centro das discussões na educação infantil. Concluiu que o ambiente escolar é permeado por binarismos entre feminino e masculino e que estes podem ser superados com ações na própria creche partindo de mudanças na formação docente.

Em sua tese de doutorado José Luis Ferreira (2008) pesquisou professores homens que ensinam em escolas rurais no município de Coxixola-Ba. Ele investigou a história de vida de 5 professores da rede municipal e também tomou informações dos sujeitos diretamente ligados a esses professores (alunos, diretores, equipe da secretaria). A análise partiu das categorias de gênero e masculinidade. As histórias de vida são analisadas desde a infância até o presente momento com objetivo de traçar a construção da carreira no magistério. Concluiu que a atividade docente dos pesquisados é marcada por descontinuidades-continuidades, descontinuidades pela presença física dos homens no magistério e continuidades pela manutenção de características da prática docente associadas à masculinidade tradicional heterossexual.

Pesquisando a produção bibliográfica sobre o assunto, percebemos que especificamente citando a educação infantil e homens, temos poucos trabalhos, por isso achamos por bem fazer um recorte também sobre homens nas séries iniciais, que mesmo apresentando mais homens, estes ainda sofrem de preconceitos parecidos com a educação

infantil, pela pouca idade das meninas e meninos e por este também ser um espaço dominado pelo gênero feminino.

Marília Pinto de Carvalho (199) utiliza a história de 4 professoras e 1 professor das séries iniciais para esmiuçar o que é ser professora mulher do primário. A autora nega o conceito historicamente construído de boa mãe sinônimo de boa professora e que o cuidado é algo inerente da mulher. Ela nos lembra do fato de se considerar o cuidado nas pesquisas educacionais e nos cursos de formação de professores e formações continuadas, alertando que esse cuidado é parte fundamental do ensino em séries iniciais e que só estudos concisos podem derrubar visões de educação não afetivas, vazias de sentimento, o que é essencial para o ensino primário.

Amanda Rabelo (1997) fez um estudo com professores homens das séries iniciais do ensino fundamental na cidade no Rio de Janeiro e na cidade de Aveiro em Portugal que pretendeu mostrar os motivos e as consequências dessa escolha profissional, se estão satisfeitos ou se sofrem de mal-estar. A autora conclui que apesar do magistério ser visto como profissão tipicamente feminina, os homens podem se enveredar nessa fase do ensino por gosto e ter sucesso.

Alessandra Arce em um artigo que apresenta a trajetória e as conclusões de sua pesquisa de mestrado em 1997, que analisou o/a profissional que atua em educação infantil no Brasil, conclui que a docência nessa faixa etária é reforçada pela ideia de que é uma função nata da mulher, estereotipada como amorosa, bondosa, cuidadosa, benevolente e que naturalmente tem o dom para a profissão em oposição à necessidade de formação para exercer o cargo, o que se reflete nos baixos salários, não valorização, ligação com o trabalho doméstico e a mitificação das relações que permeiam mães e crianças.

Guacira Lopes Louro com seus escritos nos ajuda a pensar nas relações de gênero, a pensar como elas são construídas e desconstruídas, no livro: “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista” ela se utiliza do gênero como categoria de análise para rever os estudos feministas e alargar a discussão para além de fatores biológicos e culturais de desigualdade entre os sexos. Ela visa romper com o pensamento dicotômico entre masculino e feminino vigente na sociedade. Especificamente no 4º capítulo ela fala do gênero na docência, e se pergunta se realmente o magistério é um trabalho feminino e como essa ideia foi sendo construída em termos mundiais e depois no Brasil. Também fala das representações de ser professor ou professora, como os mesmos se apresentam diante dos alunos e da sociedade.

A partir destes estudos aqui evidenciados juntamente com as entrevistas feitas com os docentes de educação infantil da rede municipal de Campinas, pretende-se reunir elementos para a problematização da presença masculina na educação infantil.

3 SER HOMEM E SER PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo vamos abordar que caminhos percorreram nossos sujeitos até chegarem à docência na EI, como também averiguar se enfrentaram dificuldades por serem homens e estarem num ambiente feminino de trabalho. Que processos ocorreram para que fossem reconhecidos enquanto docentes de EI?

Até agora podemos perceber que a escola de EI, desde seus primórdios, foi um espaço de atuação das mulheres e assim se tornou um espaço de gênero feminino (CAMPOS, 1999). A princípio, as lutas eram pelos direitos das mães trabalhadoras em terem lugares apropriados para deixar seus/as filhos/as, mais tarde com o reconhecimento das crianças enquanto seres sociais e de direitos, as reivindicações passaram a ser pela qualidade de atendimento que as meninas e meninos receberiam nestes espaços educativos, independentemente das mães trabalharem fora ou não. Assim a EI é considerada um direito da criança e não da família.

Em todo esse processo, de maneira geral, os homens estiveram fora de contexto, acompanhando de longe. Dessa forma refletiremos como eles começaram aos poucos a se inserir nessa etapa da educação básica e que novidades ou novas concepções essa entrada trouxe para a construção da identidade da educação infantil brasileira e de forma mais específica na cidade de Campinas.

3.1 Os diversos caminhos para a escolha profissional

Como já exposto, a docência na educação infantil é considerada uma profissão “feminina”. Essa constatação pode nos levar a pensar na seguinte pergunta: Porque um homem escolheria tal profissão para si?

Antes de pensar nas possíveis respostas para tal questão, podemos perceber através da análise das entrevistas que a escolha profissional neste caso se dá em dois momentos distintos: Primeiro se decide (ou se é levado a decidir) ser professor e depois dessa

etapa é que surgem as possibilidades de diferentes faixas etárias e fases de ensino em que se quer atuar. Neste segundo momento, trabalhar na EI torna-se escolha para alguns e oportunidade para outros.

Os professores participantes desta pesquisa apresentam trajetórias semelhantes, cada qual com suas peculiaridades, mas tendo como ponto comum a escolha pelo magistério como consequência de experiências vivenciadas ao longo da vida ou por influência de pessoas próximas que, de alguma forma, percebiam interesse e certa facilidade para exercer atividades de ensino nesses homens. Apenas um professor evidencia o desejo de seguir a profissão como sendo uma meta antiga, desde a infância, mas que ainda sim, esta ligada ao seu envolvimento precoce com atividades correlatas a docência.

Para justificar sua escolha profissional o professor Luis⁵ relata que sua entrada no magistério através do Centro Específico de Formação e aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM)⁶ se deu pelo ensino de qualidade que o mesmo proporcionava e não pela formação docente em si.

[...] Porque era uma escola de período integral, tinha um bom estudo e também tinha uma bolsa de estudos pra quem estudava. E foi meu interesse, na verdade meu interesse era estudar no CEFAM, pelo estudo que ele promovia, não era mesmo pela formação, fui descobrir o que era formação de professor quando eu já estava cursando o magistério [...] (Professor Luis, entrevista concedida em 18/04/2012).

De forma um pouco diferente mais sem a mesma intencionalidade na carreira, o professor Carlos foi levado a cursar o magistério por influência de sua professora que achava que ele seria um bom professor, talvez por possuir características atribuídas a estes/as profissionais, mesmo que ele próprio nunca tivesse pensado nessa possibilidade. Quando perguntado como se deu a escolha pela profissão docente ele nos diz:

[...] Na verdade eu não decidi. Eu participava ativamente do grêmio livre da escola há um bom tempo atrás e uma professora minha de português que me acompanhou e que me levou para o magistério. Ela me levou e disse que eu tinha tudo pra ser um bom professor, e assim eu fui meio contrariado, mais fui porque gostava muito da professora [...] (Professor Carlos, entrevista concedida em 24/06/2011).

A partir destes relatos podemos inferir que a profissão docente nesses casos não partiu de uma decisão consciente, outrora foram levados por circunstâncias afins a cursarem o

⁵ Nesta pesquisa todos os nomes são fictícios a fim de preservar a identidade dos sujeitos.

⁶ CEFAM- Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério. Foi um centro de formação do magistério que surgiu para substituir os antigos magistérios e os normais, tinha uma visão diferenciada sobre a formação educacional. O curso funcionava em período integral, com duração de quatro anos em vários municípios do estado de São Paulo.

magistério e posteriormente se confrontaram com a profissão. Aprofundando um pouco mais essas ideias, podemos afirmar que no caso masculino a docência não é um objetivo traçado ou planejado, ou seja, não se constitui numa aspiração prévia de longa data, ou um sonho a ser realizado.

Em outros casos o interesse pela docência surge do contato com atividades ao longo da vida que se aproximam das atividades pedagógicas e dessa forma se identifica certo “gosto” pela prática. Assim relata o professor Caio, que diz ter escolhido a profissão ainda na adolescência escolar, onde era procurado pelos amigos de sala para ajudar no entendimento das disciplinas, levando-o a procurar o magistério convicto da profissão que escolhera para si.

[...] E acho que foi nesse período que comecei a tomar gosto pela coisa, que eu fui me descobrindo. Em 1994 eu prestei vestibulinho no CEFAM Campinas, passei no vestibulinho e cursei quatro anos de magistério, concluí o magistério no final de 1997 e em 1998 já fui para a sala de aula, encarar as salas de 1º a 4º de ensino fundamental [...] (Professor Caio, entrevista concedida em 27/04/2012).

Começamos a entender os fatores ou circunstâncias que levam os homens a escolher a profissão docente e de que maneira vão construindo suas trajetórias na educação. Um dos professores da pesquisa contraria a ideia de escolha do magistério ao acaso, pois foi o único que evidenciou ter desejo em ser professor desde muito cedo. Aos 11 anos já exercia atividade correlata ao ensino em uma comunidade religiosa de sua cidade e desde então já havia feito sua escolha por essa área. Chama ainda a atenção a grande vontade em seguir a profissão, pois mesmo com as adversidades encontradas por morar em uma cidade pequena, encontrou formas de dar prosseguimento a suas aspirações.

[...] Eu comecei como catequista aos 11 anos e desde essa época eu já queria ser professor. Na minha cidade não tinha magistério e na 7ª série a gente começou a organizar um grupo para ter o magistério mais não deu quorum, então fomos estudar em outra cidade [...] (Professor Bruno, entrevista concedida em 04/05/2012).

Esses são os caminhos percorridos pelos docentes até chegarem ao curso profissionalizante de formação de professores, é importante observar que até então nenhum deles havia ingressado no curso superior para prosseguirem suas carreiras. A partir daqui vamos conhecer os meios pelos quais estes profissionais se inserem na educação infantil. O que encontraram nessa fase de ensino? Tiveram dificuldades por serem homens e estarem num ambiente feminino? Quais? Que estratégias utilizaram para exercer a docência com crianças pequenas?

3.2 A inserção na educação infantil

Para falar da profissão de docente em educação infantil é importante lembrar que a mesma é uma profissão nova que esta sendo construída a cada dia no cotidiano da creche, pelos/as adultos/as e pelas crianças que ali permanecem, além disso, essa etapa da educação básica possui certa especificidade que a diferencia das outras fases de ensino.

[...] a creche e a pré-escola diferenciam-se essencialmente da escola quanto às funções que assumem num contexto ocidental contemporâneo.

[...] enquanto a escola se coloca como o espaço privilegiado para o domínio dos conhecimentos básicos, as instituições de Educação Infantil se põem sobretudo com fins de complementaridade à educação da família. Portanto, enquanto a escola tem como sujeito o *aluno*, e como objeto fundamental o *ensino* nas diferentes áreas, através da *aula*; a creche e a pré-escola têm como objeto as *relações educativas* travadas num *espaço de convívio coletivo* que tem como sujeito a *criança* de 0 a 6 aos de idade [...] (ROCHA, 2002, p. 78).

Podemos falar de uma “cultura de creche” entendida como as várias trajetórias e compreensões dos atores que dela fazem parte, compreendendo nesse grupo: professores, crianças, equipe gestora, famílias, o corpo geral de funcionários, a arquitetura, a administração e o órgão gestor, as políticas e pedagogias nela presentes (SAYÃO, 2005). Assim reconhecemos que a creche possui rotinas, concepções pedagógicas, tempos e espaços muito específicos e diferenciados de qualquer outra fase de ensino.

Para parte dos docentes participantes desta pesquisa a educação infantil surge como uma oportunidade de trabalho depois que estão formados. Para grande parte dos professores no Brasil a forma mais estável de exercer a profissão ainda é o ingresso nas redes públicas de ensino, ou seja, através de concursos que todos os anos são abertos pelos governos municipal, estadual e federal a fim de preencherem as vagas no quadro do magistério. Sendo assim, muitas vezes estes profissionais se veem “forçados” a se inscrever para os cargos que “aparecem”, não podendo ter o livre arbítrio de escolher qual fase de ensino julgam ter mais aptidão ou interesse. Essa realidade fica clara na fala do professor Luis quando relata sua entrada na educação infantil.

[...] saí concurso na cidade de Piracicaba e eu realizei o concurso e pouco tempo depois saí aqui no município de Campinas, mas eu optei mesmo porque foi o concurso que apareceu. Eu fiz em outros lugares, fui chamado mais digamos que o salário não compensava muito, até para o fundamental que foi o que eu iniciei, de certa forma acabo tendo mais aptidão pelo fundamental e o infantil foi o concurso que me apareceu, como oportunidade de ingressar concursado numa rede [...] (Professor Luis, entrevista concedida em 18/04/2012).

Essa constatação é verificada também em Sayão (2005) que através dos relatos dos sujeitos de sua pesquisa, aponta que em todos os casos, os professores não tinham a educação infantil como projeto de carreira, esta surgiu como alternativa para alcançar certa estabilidade na profissão, um meio de sustento ou uma forma de iniciar o trabalho docente.

De acordo com Nailda Ramalho (2002) na região norte do Estado de Minas Gerais esse fato também é verificado nas séries iniciais do ensino fundamental, pois o mesmo também se constitui num espaço feminino e os homens recorrem a estes ambientes de trabalho movidos pela escassez de vagas de emprego e por uma busca de ascensão social e financeira. É importante ressaltar aqui certa contradição, pois o trabalho pedagógico com crianças pequenas ainda é uma profissão de baixo status social e de parcas remunerações, porém consegue se apresentar como uma “saída” para professores a procura de uma oportunidade, o que pode de certa forma evidenciar a precária condição da educação no Brasil, um país que ainda não consegue reconhecer a docência como pedra angular para a diminuição das desigualdades e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Através da experiência de alguns dos professores, podemos perceber que existem também outras motivações para o homem ingressar na EI, e estas de nenhum modo ligadas a questões trabalhistas, sociais ou salariais. Por meio de disciplina de estágio, Carlos teve o primeiro contato com o ambiente da creche e após esse episódio além de ter a certeza que seria professor, também já havia escolhido, naquele momento, a fase de ensino que “saltava aos seus olhos”.

[...] E chegando no magistério eu fiz um meio de campo durante um tempo, mas senti mesmo que ia ser professor quando eu entrei pela primeira vez na sala de educação infantil. Quando eu entrei e vi aquela sala organizada, aquele monte de coisa, aquele monte de atividades ainda muito tradicionais, mas... A professora com aquelas crianças e as crianças vieram, a partir dali que eu comecei a ver as atividades, me identifiquei com aquele ambiente, assim eu entendi que era aquilo mesmo [...] (Professor Carlos, entrevista concedida em 24/06/2011).

Então os professores podem trabalhar na EI por escolha própria? Podem conhecer o universo da educação de crianças pequenas e de fato se sentirem aptos a desenvolver suas práticas pedagógicas nesses ambientes? O professor Bruno responde a nossas perguntas:

[...] eu já queria trabalhar com os pequenos, já tinha essa vontade, em 2000 quando surgiu a oportunidade do concurso eu fiz a escolha pela educação infantil, poderia ter escolhido o fundamental também, mais já queria a educação infantil, creche mesmo de 0 a 3 anos. Entrei me apaixonei e estou até hoje [...] (Professor Bruno, entrevista concedida em 04/05/2012).

O professor em seu relato mostra muita confiança em sua escolha e ainda especifica a faixa etária dentro da EI na qual queria trabalhar, ou seja, crianças de 0 a 3 anos. Este é o único entrevistado que indagado sobre possíveis problemas enfrentados na profissão, afirma prontamente o preconceito de gênero em relação ao seu trabalho. A partir desse testemunho tentaremos entender quais são esses preconceitos sofridos pelos professores. De onde eles partem? Qual a argumentação usada para justificar tais atos e pensamentos?

3.3 Corpos infantis a serem cuidados e educados por homens

Para falar de cuidado/educação estamos partindo do pressuposto de que estes se constituem em princípios indissociáveis na EI, como já mencionado anteriormente nesta pesquisa, nos baseamos nos estudos de vários autores (BARRETOS, 1994; CAMPOS, 1994; CERISARA, 1996; BUFALO, 1997; MELLO, 2001; FARIA, 2002; ÁVILA, 2003).

Assim entendemos que o ato de educar envolve certo cuidado e o ato de cuidar reciprocamente mantém uma relação educativa. Esses dois elementos vão se fundir de tal forma que são identificados como “... o binômio que, a partir dos anos de 1990, além de ser reconhecido como objetivo da educação infantil foi tomado como justificativa da especificidade desse campo em relação ao ensino fundamental...” (SAYÃO, 2005 p. 152).

Do receio

Para nossa pesquisa, o cuidado toma sentido importante quando analisado por meio da categoria de relações de gênero, pois histórica e culturalmente esse trabalho (de cuidado) foi delegado às mulheres, por argumentos ligados ainda ao biológico e à reprodução, tentando comprovar que o gênero feminino possuía elementos que tornariam suas representantes mais aptas que o masculino para lidar diretamente com o corpo de crianças pequenas.

Corpo de crianças? Sim! Corpo este entendido como a totalidade do ser humano e não desvinculado da mente e nem das construções sociais que se dão sobre e a partir dele, num processo constante e infundável. Dessa forma, concordando com Giddens (2002, p.57) entendemos que:

O corpo, assim, não é simplesmente uma “entidade”, mas é experimentado como um modo prático de enfrentar situações e eventos exteriores... Expressões faciais e outros gestos fornecem conteúdo fundamental dessa contextualidade que é a condição de comunicação cotidiana. Aprender a tornar-se um agente competente – capaz de se juntar aos outros em bases iguais na produção e reprodução das relações sociais – é ser capaz de exercer um monitoramento contínuo da face e do corpo. O controle corporal é um aspecto central do que “não podemos dizer com palavras” porque é o referencial necessário para o que podemos dizer.

Não podemos negar esses corpos, pois do contrário podemos incorrer no erro de que na EI “... educar crianças pequenas é acalmar, silenciar, tornar inertes seus corpos...”, nos esquecendo de que “... cuidar do corpo de crianças pequenas- seja pela alimentação ou higiene- faz parte da necessidade que todas elas possuem de serem atendidas, independentemente de classe social, gênero, etnia ou credo religioso...” (SAYÃO, 2005 p. 173 grifo da autora).

Então podemos supor que não é por acaso que o professor Bruno, que iniciou seu trabalho na EI com bebês, é o único que coloca a questão de gênero como primeiro problema enfrentado ainda dentro do espaço da EI.

[...] Apesar da direção na época, dizer: “vai com os maiores, eles vão te dar menos trabalho!” Mas eu já cheguei, fui o primeiro a escolher na escola e falei: não! Eu quero os bebezinhos. E a direção: “não, é complicado, são bebês”. Eles não queriam deixar claro que era porque eu era homem... Meio velado! [...] (Professor Bruno, entrevista concedida em 24/06/2011).

Nesse pequeno relato fica evidente o empenho da equipe gestora em fazer com que o professor desistisse da ideia de trabalhar com os bebês, talvez já pensando em evitar uma retaliação por parte das famílias das crianças que seriam atendidas na turma de Bruno. Podemos destacar aqui o papel da escola que enquanto instituição formadora deveria agir no sentido de desconstrução de conceitos pré-estabelecidos pela sociedade, mas o que fica claro é a reprodução de um pensamento preconceituoso, de que homens não podem ter contato direto com meninas e meninos tão pequenos.

Essa questão da proximidade dos professores com os corpos infantis não se limita somente aos bebês pois Caio, trabalhando com crianças pré-escolares de 4 a 5 anos enfrentou dilema parecido colocado por familiares.

[...] quando eu entrei, eu tive o caso de uma mãe que no começo deu algumas demonstrações de um pouco de receio, ela ficava indagando sobre, por exemplo, como faria quando a filha dela precisasse ir ao banheiro e não souber utilizar o banheiro sozinha, esse tipo de coisa [...] (Professor Caio, entrevista concedida em 27/04/2012).

Aqui se revela mais uma “pista” que pode nos ajudar a pensar de onde parte o “medo”, principalmente por parte das famílias, em relação ao professor do sexo masculino. A higiene pessoal é um elemento muito valorizado no ambiente da EI, este se constitui ao longo dos anos num processo que as crianças vão assimilando aos poucos, ou seja, à medida que vão crescendo e se desenvolvendo elas vão passando de totalmente dependentes dos adultos (bebês) para um estágio onde já podem se responsabilizar sozinhas pelos cuidados consigo mesmas. A partir deste entendimento, conseguimos fazer algumas proposições como, por exemplo: A grande barreira imposta aos homens seria na verdade o contato direto com as partes íntimas dos/as pequenos/as usadas nas necessidades fisiológicas, ressaltando assim o grande estigma de que todos os homens são abusadores em potencial. Então não se pode de modo algum, deixar com que estes sujeitos mantenham proximidade com as crianças nestes momentos de “vulnerabilidade”. Jane Felipe (2006) diz que através do empenho em combater a “violência/abuso sexual” de crianças, se disseminou largamente através da mídia certo “pânico moral” sentenciando os homens a possíveis pedófilos (FELIPE, 2006 p. 214).

Tal situação tem levado muitos profissionais, no campo da educação, por exemplo, a mudarem seus comportamentos frente às crianças, para não serem confundidos com pedófilos. Refiro-me aos homens que trabalham com educação infantil (0 a 6 anos) que, para evitarem maiores problemas, procuram não ficar sozinhos com elas – especialmente numa situação de troca de fraldas – ou mesmo colocá-las sentadas em seus colos. As próprias manifestações de afeto e interesse de homens por crianças pequenas podem ser vistas, nos dias de hoje, com certa desconfiança.

Essa “mudança de comportamento” para evitar “maiores problemas” é exatamente a atitude que o professor Luis toma a fim de se resguardar no cotidiano de sua prática. Quando do contato com as famílias ele parece se defender de antemão de qualquer possibilidade de contraponto a sua presença naquele espaço.

Na primeira reunião que eu faço com os pais, eu me apresento, falo da minha formação, para eles saberem que eu não cheguei aqui do nada e estou aqui e eu procuro deixar bem claro para os pais qual é o meu trabalho e também sempre me

respaldo em relação a todo cuidado que se pode ter para que não dê margens a pensamento duplo, entendeu? (Professor Luis, entrevista concedida em 18/04/2012).

Ele ainda identifica diferenciação praticada no ambiente educativo quando se diz respeito ao gênero:

[...] Porque, um problema com a família e qualquer professora é um problema que aconteceu. Agora quando é um professor, parece que o problema se deu por ele ser professor... Homem! [...] (Professor Luis, entrevista concedida em 18/04/2012).

A ideia desse “homem perverso” ainda mascara importante implicação que resulta no afastamento de qualquer dúvida que paire sobre a mulher no que diz respeito a possíveis abusos, ratificando “... a ideia de que só os homens são abusadores em potencial, por possuírem uma sexualidade tida no senso comum como incontrolável, quase “animalesca”” (FELIPE, 2006 p. 214). Nesse caso o gênero feminino é percebido como assexuado, quase “puro”, tornando as mulheres em “mães espirituais” das crianças e assim estariam acima de qualquer suspeita. Ainda sobre esta proposição Luis expressa sua opinião e indica que há um erro de análise nessas situações.

[...] Porque a gente vê casos de abuso sexual e geralmente esta ligado aos homens, negando as mulheres desse processo, mas se estudar mais minuciosamente e perceber casos, a gente percebe que há abuso sexual por parte de mulheres também. Então acho que isso não é ligado a um sexo, a um gênero, isso é ligado a um ser humano, não sei se por doença, se por... Enfim [...] (Professor Luis, entrevista concedida em 18/04/2012).

É mister lembrar aqui a experiência vivida por mim com a família do menino que afirmou que talvez eu fosse um “*lobo mau*” que estaria desenvolvendo meu trabalho docente no espaço da EI afim de procurar minhas “vítimas”. As questões levantadas pela mãe da criança partiram do pressuposto de que homens não poderiam ajudar as crianças a fazer sua higiene quando vão ao banheiro. Homens poderiam trocar fraldas? Ou ainda, homens poderiam dar banho em uma criança que necessitasse de tal? Infelizmente essas perguntas não foram levantadas só por essa mãe, esses conflitos permeiam os pensamentos de muitos e quando não expressos claramente, se manifestam de forma velada como apontado pelo professor Bruno.

Quando se passa esse primeiro momento do estranhamento quanto a nosso trabalho e se certificam que não somos “devoradores de crianças”, às vezes, aparecem outros percalços colocados ainda pelas famílias a fim de se testar a todo o momento se somos mesmo capazes de estar nesse espaço. Quando a suposição do abuso não procede, procuram-se outras formas de colocar em xeque o trabalho masculino na creche. Para exemplificar tal paradigma,

trago aqui o relato do professor Carlos a cerca de uma denuncia feita contra ele sobre uma possível agressão de sua parte contra uma criança de sua turma.

[...] Eu tive um momento aqui na escola que eu fui acusado de ter agredido uma criança, o F*. E o F* era um menino muito levado, muito acelerado e todos os anos, nos anos passados, no ano anterior ao meu ele tinha vários relatos da professora chamando a família, tentando trabalhar, ele não obedecia, ele era difícil. Levei para minha sala e comecei a trabalhar com a família, chamei o pai, chamei a mãe porque eu tenho muito contato com os pais, eu acho importante chamar a mãe mais também chamar o pai pra conversar e os pais vem para conversar. Eu fazia um trabalho longo com esse menino e uma avó acusou que eu estava batendo nesse menino, e que a neta dela que tava na minha sala tinha dito que eu tinha batido no menino e eu tava trabalhando com a família, e o que aconteceu... Eu emagreci 5 quilos, entendeu? Eu fiquei consumido por isso, só que as mães me abraçaram, teve um momento que as mães disseram: isso não é justo! E a mãe do menino se dispôs a processar a avó. Porque quem estava falando era uma avó de outra criança, e a mãe do F* falou: “Imagina professor...”. Ela até trabalha num posto de gasolina aqui, ela falou imagina que você judia do meu filho, você esta fazendo um trabalho maravilhoso, meu menino não tem mais reclamação, não tem mais ocorrência, o menino esta tranquilo. E o menino aqui no bairro, onde eu estiver, se eu estiver passando ele vem correndo, gritando meu nome, me abraça, é um escândalo o que o moleque faz. Então isso... Deu-se o processo, e o que aconteceu? Essa senhora que fez graça, a tia dela tem uma sorveteria no bairro, os meus pais fizeram uma campanha que ninguém iria na sorveteria, ou ela ia lá e desmentia tudo ou iria falar no bairro, a gente esta com um movimento forte, as mães vieram e choraram na minha reunião eu também me emocionei. Fui ao NAED⁷, conheço a diretora do NAED, a diretora do NAED S*, foi minha diretora aqui, ela conhece meu trabalho, eu fui ao NAED e falei: S* ta acontecendo esse problema. Levei meus cadernos, minhas atividades, tudo que eu trabalhava com os pais e disse para ela que eu estava provando uma coisa que eu nem sabia do que eu tava sendo acusado, que tipo de agressão é essa? Resultado: a mãe veio, porque ela se sentiu muito pressionada, a J* que é mãe da menina, veio na escola desmentiu tudo que a mãe dela disse, porque ela falou: “Eu sou responsável pela menina, não é minha mãe, o que minha mãe fala não tem valor”; fez uma carta, assinou e me entregou. Eu conversei com as mães, e a sorveteria começou a vender de novo [...] (Professor Carlos, entrevista concedida em 24/06/2012).

Com esse contundente relato, o professor nos mostra quão perigoso e perverso pode se tornar o preconceito desmedido em relação ao trabalho masculino na EI. Ainda vale ressaltar que esse caso teve desfecho “positivo”, porém este se deve a trajetória construída pelo docente naquela comunidade.

[...] Então foi um negócio assim que se eu não tenho a comunidade do meu lado, se eu não tenho meu histórico eu ia ter que sair da escola, porque aqui tem bandido, eu tenho filho de bandido aqui, nenhum deles veio aqui e olha que eles vem armados na reunião. Tem até um que falou professor você quer que eu elimino? Eu falei não, pelo amor de Deus não vai eliminar ninguém não, deixa a pessoa, a maldade vai levar ela para onde ela quer ir [...] (Professor Carlos, entrevista concedida em 24/06/2012).

⁷ NAED: Núcleo de Ação Educativa descentralizada

É muito claro constatar aqui que se o professor ainda estivesse em uma fase de “comprovação” de seu trabalho naquele ambiente, o resultado desse episódio poderia ter afetado de maneira significativa sua vida e carreira.

Através de relatos não formais tomamos conhecimento de outros casos em que docentes passaram por situações semelhantes e não tiveram a mesma “sorte”. Foram obrigados a mudar da instituição onde trabalhavam ou até se afastar de maneira definitiva da profissão.

Antes de serem reconhecidos de fato enquanto docentes capazes de trabalhar com crianças pequenas, estes homens precisam passar por um processo que Sayão (2005) chama de “Ritual de Passagem”, através de “provas” impostas pelo coletivo feminino da creche. Eles são imputados a comprovar que conseguem e sabem exercer a função, desmistificando assim a construção social do masculino. Só após “aprovados” nestes “testes” é que os professores são reconhecidos “simbolicamente” na profissão. Esse fato implica que somente a formação adquirida não é suficiente para torná-los aptos ao trabalho (SAYÃO, 2005 p.138). E ainda sempre que ingressarem em uma nova instituição de EI onde não são conhecidos, terão que enfrentar os mesmos processos de “aceitação” por mais que possuam comprovadamente anos de experiência na área.

Podemos perceber nessas histórias alguns dos motivos que causam estranheza na presença do homem na EI e que consequências estas percepções podem gerar. Nesse momento, mais uma vez, se justifica a importância dessa pesquisa enquanto denunciadora desses fatos na tentativa de trazer à tona algumas realidades enfrentadas pelos docentes e que as várias construções da sociedade em relação a eles não possuem argumentos válidos para sustentar a prerrogativa de que não podem atuar junto a crianças pequenas. Ou seja, homens podem e devem estar nestes espaços educativos, deveriam até ser estimulados a ingressarem na carreira, pois...

Aqueles que se opõem à idéia o fazem sob a alegação de que o risco de abuso sexual aumentaria e que homossexuais masculinos em particular seriam atraídos para a profissão. Isto coloca ênfase na sexualidade masculina enquanto a sexualidade feminina nunca é levada em consideração. O outro obstáculo que barra o caminho para o aumento da participação de homens em serviços de cuidado é o mito de que cuidar de crianças não é trabalho de homens. Entretanto, não há razões biológicas que impeçam homens cuidar de crianças. Pesquisas sobre crianças cuidadas pelos pais associadas à maneira de educá-las mostram claramente que homens pais são tão bons quanto as mulheres (JENSEN, 2004 p.4).

Concordando com Jensen (2004) não há motivos que consigam fundamentar que homens não podem atuar com os/as pequenos/as, a permanência destes no ambiente da EI remete há uma ampliação de oportunidades para o desenvolvimento integral das crianças, como afirma a autora:

Outro motivo para empregar mais homens nos serviços de cuidado infantil é que o corpo docente de um mesmo sexo não pode educar crianças para acreditar em oportunidades iguais para ambos os sexos. “Crianças não fazem o que nós as mandamos fazer, elas fazem o que nos vêem fazer”. Igualdade de oportunidades para ambos os sexos, tem sido enfatizada nas escolas, mas a Educação Infantil, tem sido uma área onde ela tem sido negligenciada (JENSEN, 2004 p.4).

A pequena presença masculina nas instituições de EI retrata a fala da autora no que diz respeito às igualdades de oportunidades para a construção de identidade das crianças. Num ambiente onde só as mulheres (mães, tias, avós, cuidadoras) executam atividades domésticas, por exemplo, remete às crianças o conceito de que estes são serviços delegados apenas ao sexo feminino, eximindo assim, os meninos ainda pequenos de se sentirem aptos ou até responsáveis, enquanto pertencentes ao grupo familiar, por tais tarefas.

Atuando junto às meninas e aos meninos, os homens desconstroem essas barreiras de gênero, dando o exemplo prático de que eles também são coresponsáveis pelos afazeres do dia a dia e pelo cuidado com as crianças. Porém antes, é preciso quebrar o paradigma de que estão fora de lugar. Após essa etapa, mostraremos como estes docentes são vistos pela comunidade escolar.

3.4 Do reconhecimento

Após estes processos de desmistificação da presença do homem como docente na instituição de EI ocorrem alguns fatos que chamam atenção. As famílias antes receosas de terem seus/suas filhos/as na turma de um professor do sexo masculino, agora reconhecem este profissional e expressam a mudança de opinião.

[...] Quando os pais chegam pra você e dizem: Estou muito feliz. Quando um pai que nem me conhecia, coloca a criança na sala de aula e diz: Não vou tirar mais não, eu ia mudar ele de horário, mas não vou mudar porque ele esta aqui com você e você tem uma boa ressonância aqui no bairro [...] (Professor Carlos, entrevista concedida em 24/06/2011).

Neste caso é evidente a confiança da comunidade em geral pelo trabalho de Carlos. Em minha experiência na EI pude perceber o mesmo fato, pois famílias que no começo do ano letivo, viam-me com certo estranhamento, depois de algum tempo, passam a entender minha presença naquele espaço como positiva. Principalmente algumas mães que antes sempre se dirigiam as outras mulheres da equipe docente para resolver qualquer tipo de questão relacionada às crianças, agora se sentem a vontade para se dirigem também a mim, demonstrando reconhecimento pela minha capacidade e por várias vezes falam do seu contentamento pelo trabalho desenvolvido.

Este mesmo reconhecimento também é percebido por parte das crianças ao evidenciarem seu afeto pelos docentes.

[...] E quando foi feita a chamada dos alunos no portão, eu fiz a chamada, dois alunos falaram: Eu não gosto mais daqui, eu não quero mais vir, porque eu ia ser o professor deles. Mas foi por aquela surpresa porque eu estava sempre com eles, eu era o professor bravo, e eles vieram para minha sala, e o relacionamento sempre foi muito bom. Primeiro teve essa coisa de eu não quero mais ficar aqui, mas depois foi muito tranquilo a ponto de no final do ano, eu cheguei até a me emocionar, por que na festa de despedida, eles já falavam que eles não queriam sair da escola, chegaram a chorar de soluçar, porque não queriam deixar o professor [...] (Professor Luis, entrevista concedida em 18/04/2012).

Não queremos aqui contrapor as formas de atuação de homens e mulheres enquanto docentes, mas sim, reconhecer e reforçar que a questão de gênero não é fator determinante para julgarmos a competência profissional de ambos. Em outras palavras, o que estamos aqui afirmando é que é falsa a ideia de que só as mulheres podem ter sucesso trabalhando nesta fase de ensino. Quando o preconceito que paira sobre o masculino “sai de cena”, o que se vê são ótimos docentes atuando com as crianças e estas e suas famílias satisfeitas com o atendimento que é recebido no espaço escolar.

[...] nessa escola onde eu trabalhei durante oito anos, sempre fui muito bem recebido, a comunidade sempre valorizou muito, e até tinham períodos interessantes, depois de um tempo que as mães foram me conhecendo melhor, no começo do ano elas até pediam que seus filhos fossem matriculados na minha sala, porque foram me conhecendo [...] (Professor Caio, entrevista concedida em 27/04/2012).

O professor Caio deixa evidente que foi aprovado no “Ritual de Passagem” por parte da comunidade. Neste caso vê-se a preferência das famílias por terem seus/suas filhos/as matriculados na turma do docente, revelando que homens podem ser tão bons profissionais quanto as mulheres.

Por serem em pequeno numero na EI, e por vezes, serem os únicos homens docentes em uma dada instituição, estes professores podem se tornar referencia naquele espaço.

[...] Trabalhar com mulher eu não tenho reclamação nenhuma, é ótimo, porque as mulheres tem uma competência também, uma preocupação com o trabalho muito grande, então parece que a coisa encaixa. Elas vão por um lado, você vai pelo outro e os pais acabam percebendo isso e com o tempo você ganha a comunidade. É conhecido. Essa comunidade toda sabe quem é o professor Carlos. Se você perguntar na rua, eles não vão saber quem é a professora E*, quem é a professora R*. Mas se perguntar quem é o professor Carlos, você é o professor da manha e da tarde. Eu saio na rua e dizem professor Carlos. Eu venho andando pelo bairro e encontro as avós, as mães e oi tudo bem. Encontrei um grupo de manha, elas estavam correndo na quadra, elas abraçam, conversam, porque já são 10 anos de comunidade [...] (Professor Carlos, entrevista concedida em 24/06/2011).

Dessa forma, percebe-se certo destaque em relação ao trabalho de Carlos. Depois de dez anos de trabalho na mesma instituição, mostrando que era capaz de desenvolver um bom trabalho junto aos/as pequenos/as, além de conseguir o status de bom professor, também era querido pelos familiares das crianças. Parece-nos que depois de passar pelas “provas” impostas para comprovarem que podem ser docentes de EI, estes homens causam certa surpresa e admiração por parte das pessoas que antes não acreditavam na possibilidade de alguém do sexo masculino poder trabalhar diretamente com crianças pequenas e obter sucesso.

O professor Bruno que trabalha com os bebês e por isso talvez tenha enfrentado maior resistência ao seu trabalho, nos diz que no começo existem todas as preocupações em relação ao gênero, por ser homem e estar em contato com crianças tão pequenas (0 a 3 anos). Também existem as outras profissionais da instituição, que antes acostumadas com colegas de trabalho do mesmo sexo, agora precisavam dividir o espaço com um homem. Quando perguntado sobre os problemas enfrentados no início da carreira, ele relata que:

[...] É mais a questão do ingresso. O que um homem está fazendo na educação infantil? Por parte das famílias, os abusos que vinham acontecendo no momento, fizeram um abaixo assinado na comunidade, um homem vai cuidar da minha filha? E se ele abusar? Mas foi contornado com o trabalho mesmo, com as monitoras era: Agora não posso mais trabalhar de saia e que banheiro ele vai usar? Esses foram alguns dos problemas, mas foi contornado. Eu não ligo muito para o olhar do outro, o que estão pensando, eu toco para frente. Se tiveram outras coisas, comentários, passou batido. Aqui é meu espaço, eu prestei concurso, passei, assumi e estou aqui. Mas isso foi nos primeiros 15 dias, depois acabou. Acaba sendo escolhido depois [...] (Professor Bruno, entrevista concedida em 04/05/2012).

As famílias se opuseram de maneira ostensiva à presença de Bruno naquela EMEI, porém com o desenvolvimento do trabalho, em poucos dias o docente reverteu o quadro, de maneira que nos anos subsequentes, os mesmos opositores de sua permanência

paradoxalmente reivindicavam que seus/suas filhos/as fossem matriculados/as na turma do docente.

Eliana Saporoli (1997) estudando a ocupação de educador infantil em instituições da cidade de São Paulo faz a importante constatação: A maior aceitação de homens nesses espaços depende da concepção educativa que se possui. Em lugares onde se possui uma visão de educação mais próxima da doméstica e assim com características associadas ao feminino, se tem uma menor aceitação do trabalho masculino. Em locais onde há uma visão mais pedagógica e mais profissional de educação, é onde o masculino é aceito de forma mais receptiva.

Analisando a feminização do trabalho docente na EI, Elizabete Franco Cruz (1998) analisa fato semelhante. As educadoras seriam vistas como substitutas maternas remetendo novamente uma visão doméstica de educação, contrapondo assim a perspectiva profissional, onde os homens teriam maior facilidade de acesso no ambiente escolar.

Na instituição de EI onde trabalho, já haviam passado pelo espaço quatro monitores do sexo masculino. Estes eram os primeiros homens trabalhando diretamente com as crianças de que a comunidade tinha contato. Em relatos não formais de algumas pessoas que já trabalhavam na instituição nesta data, fica evidente que estes profissionais encontraram bastante resistência para desenvolverem seu trabalho. No caso de um monitor em específico, que assumiu sua homossexualidade, parece-nos que o “pânico moral” gerado foi ainda maior, a ponto de algumas famílias iniciarem um movimento na tentativa da retirada do profissional de suas atividades docentes pelo simples fato de ser homem e homossexual. “... Outro equívoco é associar a pedofilia e o pedófilo aos homossexuais, como se estes representassem um perigo constante aos bons costumes e às práticas sexuais consideradas legítimas...” (FELIPE, 2004 p.4).

Neste episódio a equipe gestora convocou uma reunião entre comunidade e instituição para esclarecimento das questões que estavam levando as famílias ao descontentamento. Colocados os argumentos que mostraram não haver nenhum “problema” na presença destes profissionais na escola, a própria comunidade se lançou na defesa destes. Esse fato ficou muito claro quando no fim do período letivo, os familiares de várias crianças que estavam matriculadas nas turmas destes educadores, e que antes participavam do movimento para o afastamento deles, agora reivindicavam através de cartas e de forma verbal que estes permanecessem trabalhando com seus/suas filhas/os no ano seguinte.

Podemos supor que neste caso, a visão de educação estava mais voltada para a doméstica e por isso a grande barreira criada para a presença destes homens na EI. Com profissionalismo e argumentação sólida, os educadores juntamente com a equipe escolar conseguiram transformar a visão de educação, dessa vez mais voltada para um cunho pedagógico e profissional.

Podemos analisar que, em todos os casos, toda a estranheza ou receio demonstrando enquanto ao trabalho destes homens se baseavam no senso comum, estabelecido pela sociedade preconceituosa de que homens não podem permanecer nestes espaços educativos e desenvolver sua atividade docente juntamente com as mulheres.

Também é importante ratificar que depois que estes docentes derrubavam os estereótipos construídos a seu respeito, estes foram vistos não só como capazes, mas também se revelaram profissionais de grande estima pelas crianças, famílias e comunidade escolar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas essas provocações e análises feitas sobre o assunto, chegamos às considerações finais. Presenciamos neste estudo, algumas histórias de homens que se enveredaram pela docência de crianças pequenas e como os pequenos relatos deles puderam nos fazer refletir sobre a inserção do homem na EI.

Como vimos, esta é uma profissão tipicamente feminina, historicamente as mulheres construíram e se apropriaram destes espaços, e este se tornou também um campo de trabalho para elas.

A EI no Brasil é uma conquista muito recente, portanto ainda estamos construindo suas bases a cada dia. Ser professora/professor nesta etapa da educação é uma profissão que esta sendo inventada e descoberta.

O processo educativo neste âmbito é caracterizado por um binômio indissociável: Cuidar e educar, que se constituiu na especificidade da EI e a diferencia das outras fases de ensino. Como o cuidar é muito presente e este ainda é visto como um sinônimo da maternagem, acreditava-se que as mulheres pela questão da reprodução e por “dons naturais” seriam as únicas aptas para desenvolver a pedagogia com os/as pequeninhos/as. Pedagogia esta ainda muito voltada para a visão doméstica onde culturalmente às mulheres foram delegadas as tarefas do lar privado e o cuidado com os/as filhos/as pequenos/as.

Concordando com Elisabeth Badinter, concluímos que a maternagem não possui gênero, ou seja, homens e mulheres podem cuidar/educar crianças pequenas desde que seja de sua vontade. Isso vai depender das vivências de cada um e da formação adquirida ao longo da vida e da carreira.

Déborah Sayão fala de um “Ritual de passagem”, porém nós conseguimos constatar não um, mas no mínimo dois rituais aos quais estes homens precisam passar para serem aceitos enquanto professores de crianças pequenas. O primeiro, concordando com a autora, diz respeito ao interior do ambiente educativo, onde estes profissionais precisam provar para as mulheres que possuem capacidade de desenvolver o trabalho, e que exercer tal atividade não depende de vocação, mas sim de interesse próprio e formação adequada. O segundo possui relação com a desmistificação do homem “lobo mal”. Estes homens precisam á todo momento, em suas atitudes e práticas, demonstrar para as famílias das crianças que não oferecem risco a integridade física dos/as pequenos/as e que todo “pânico moral” em grande parte difundido pela mídia, não reflete a realidade vivida nas instituições de EI.

Na verdade, vemos que estes profissionais ao chegarem à EI são vistos com receio e causam certo incomodo à comunidade escolar. Depois de vencidos os “obstáculos” já mencionados, o que permanece é o reconhecimento de um bom profissional, capaz e competente, para junto às mulheres construírem a docência de crianças pequenas. As próprias famílias que antes se manifestavam contrárias à presença destes profissionais, agora expressam certa preferência pela atuação deles na turma de suas/seus filhas/os.

Não podemos acreditar na igualdade de oportunidades entre os sexos num ambiente educativo onde só exista um deles (feminino) desenvolvimento o trabalho docente. Podemos, para exemplificar tal fato, nos remeter a um lar privado onde só à mulher são delegadas as tarefas diárias e o cuidado e educação das crianças. Neste ambiente um menino não pode ser educado para compreender que essas funções são obrigações tanto do homem quanto da mulher enquanto moradores do mesmo espaço. As crianças fazem o que nos veem fazer e não o que falamos a elas.

Gênero não é fator determinante para o julgamento de capacidade profissional, tanto na EI como em qualquer outro ambiente de trabalho. Profissões caracterizadas pela sociedade como “masculinas” também podem ser exercidas por mulheres com o mesmo brilhantismo ou até com maior qualidade.

Em várias instituições de EI ainda se possui uma visão de educação muito voltada para a visão doméstica, ou seja, as mulheres professoras estariam na verdade substituindo as mães enquanto estas não poderiam estar com seus/suas filhos/as por trabalharem fora. Nessa visão os homens encontram maior resistência, pois nesse cunho é excluída a formação enquanto base fundamental para o bom desenvolvimento da atividade docente. Portanto quanto mais profissional for a visão de educação que se tem em tal ambiente, mais homens serão vistos atuando com as crianças.

É importante ressaltar que não podemos e nem temos a intenção de abarcar todas as questões que pertencem a este assunto, o que trazemos são algumas provocações que podem gerar estranheza no que é normatizado pela sociedade quando falamos de homens na EI. Considerando o pouco que foi produzido na literatura a esse respeito é ainda intenção desta pesquisa o estímulo a novos estudos que ajudem a problematizar e apontar possíveis caminhos para uma EI mais justa, com mais igualdade entre os gêneros e que considerem as crianças como sujeitos sociais e de direitos, não deixando de oportunizar a maior gama de possibilidades possíveis para que possam se desenvolver de maneira mais livre e feliz.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, ANETE (Org.). A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. Cap. 1, p. 17-36. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).
- ARCE, ALESSANDRA. **Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil**. In: Caderno de Pesquisa. N°113, Araraquara, 2001, p. 167-184.
- ÁVILA, M. J. F. (2003). “**A professora de creche: a docência e o gênero feminino na educação infantil**”. Pro-posições, Campinas, vol. 14, n.3 (42), PP. 53-65.
- BARRETO, Â. M. R. F. (1994). “**Por que a para que uma política de formação de profissionais de educação infantil?**” In: Brasil. Por uma política de formação profissional de educação infantil. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, PP. 11-15.
- BRASIL. CONSTITUIÇÃO (1988). **Constituição da República Federal do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Imprensa Oficial. Brasília, DF, 1988.
- _____. Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDBEN, 1996 Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996.
- BUFALO, J. M. P. (1997). **Creche: lugar de criança, lugar de infância**. Um estudo sobre as praticas educativas em um CEMEI de Campinas. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CAMPOS, M. M. (1994). “**Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil**”. In: Brasil. Por uma política de formação do profissional de educação infantil. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, PP. 32-42.
- CARDOSO, FREDERICO ASSIS. **Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças**. Anais da 30º reunião anual da ANPED. Caxambu-Minas Gerais, 2007.

CARVALHO, MARÍLIA P. De. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais.** São Paulo: Xamã, 1999.

CERISARA, A. B. (1996). **A construção da identidade das profissionais de educação infantil.** Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CHAVES; EDUARDO O. C. **O Liberalismo na política, Economia e Sociedade e suas implicações para a Educação: uma defesa.** IN: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, Luís José. Liberalismo e educação em debate. São Paulo: autores associados, HISTEDBR, 2007.

FARIA, ANA LÚCIA G. de. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil.** São Paulo: Cortez, 1999.

FARIA, SONIMAR CARVALHO. **História e políticas de educação infantil.** In: FAZOLO, Eliane et al. Educação Infantil em Curso. Rio de Janeiro: Ravel, 1997.

FERREIRA, JOSÉ LUIZ. **Homens ensinando crianças: continuidade-descontinuidades das relações de gênero na escola rural.** 2008. 155 f. Tese. (Doutorado em educação). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

LOURO, GUACIRA LOPES. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

KRAMER, SONIA. **A política do Pré-Escolar no Brasil. A arte do disfarce.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Cortez, 2006.

KUHLMANN JUNIOR. M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 1998. 210p.

MELLO, S. A. (2001). “**A emoção e a regra na construção de uma pedagogia da infância**”. In: Monarcha, Carlos (org.). Educação da infância brasileira: 1875-1983. Campinas, Autores Associados, PP. 212-232.

RABELO, AMANDA. **Professores homens nas séries iniciais: escolha profissional e mal-estar docente.** In: Revista Educação e Sociedade. N°35(2). , 2010. Rio de Janeiro. p, 279-298.

RAMALHO, NAILDA. **Bendito é o fruto entre as mulheres: um estudo sobre professores que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental na região Norte de Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado em Educação), Belo Horizonte: PUC/MG, 2002.

SAYÃO, DEBORÁH T. (2005). **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche.** Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

SPADA, ANA CORINA MACHADO. **A educação infantil no contexto da creche: um estudo sobre a educação, o cuidado das crianças de 0 a 3 anos e a formação de professores no**

Município de Marília, SP. 2006. 235 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Presidente Prudente, 2006. Disponível em <http://www4.fct.unesp.br/pos/educacao/teses/ana_corina.pdf>. Acesso em: 02 out. 2012.

UCHÔGA, LIANE A. R. **O corpo da criança na educação infantil**. 2007. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2007.

ANEXOS

ANEXO I: Roteiro de entrevista

1. Como e quando foi que você decidiu ser professor?
2. Como se deu a escolha pela educação infantil?
3. Encontrou ou encontra dificuldades na profissão?
4. Como você analisa o seu trabalho como professor?
5. Como você desenvolve seu trabalho docente?
6. O que faz quando não esta trabalhando nesta escola?
7. Como é seu relacionamento com as famílias?E com os/as outros/as profissionais da creche?
8. Como você acha que crianças e demais profissionais da creche vêem o seu trabalho?
9. Qual sua opinião sobre a presença do homem na educação infantil?

ANEXO II: Transcrição das entrevistas

Professor Carlos.

Entrevista concedida em 24/06/2011

Perguntei como e quando ele decidiu ser professor

Resposta: rapaz, que pergunta? Quando eu decidi ser professor? Na verdade eu não decidi. Eu participava ativamente do grêmio livre da escola há um bom tempo atrás e uma professora minha de português que me acompanhou e que me levou para o magistério. Ela me levou e disse que eu tinha tudo pra ser um bom professor, e assim eu fui meio contrariado, mais fui porque gostava muito da professora né? E chegando no magistério eu fiz um meio de campo durante um tempo, mas senti mesmo que ia ser professor quando eu entrei pela primeira vez na sala de educação infantil, ai quando eu entrei e vi aquela sala organizada, aquele monte de coisa, aquele monte de atividades ainda muito tradicionais, mas... A professora com aquelas crianças e as crianças vieram, a partir dali que eu comecei a ver as atividades, me identifiquei com aquele ambiente, ai eu entendi que era aquilo mesmo.

Então você foi do magistério direto pra Educação Infantil?

Resposta: fiz o magistério, fiquei um tempo no magistério, quando eu terminei o magistério, eu fui pra uma escolinha de uma igreja, uma escolinha da igreja presbiteriana, fiquei um tempo nessa escola, depois eu sai, fui pro banco Itaú, fiquei um tempo no banco Itaú, depois

fui convidado a retornar. Aí entrei numa escola de educação especial, trabalhando com surdos, deficientes mentais e auditivos e em 1993 entrei na rede municipal de Campinas e não sai mais.

E na rede você entrou também na educação infantil?

Resposta: sempre na educação infantil, sempre, sempre o meu foco... Acho que na educação infantil somos 6 homens?

Nesse momento eu o interrompi e expliquei que eram 7 professores, os bairros onde se encontravam e que monitores eram 87, numero maior esse por conta do ultimo concurso e também que os monitores eram agora denominados agentes de educação infantil (AGI).

Professor.... eu acho que agora ta até uma coisa mais, mais....embora nós somos minoria, é um massacre quase, mas parece que as coisas tão mudando, talvez entrem mais homens.

2 Como que se deu a escolha pela educação infantil?

Então como eu te falei, quando eu entrei na sala, porque assim, eu tinha experiência em fazer estagio em várias salas, então eu fiz estagio com primeiro ano, terceiro ano, quarta série e sempre eu me dava bem nas classes, porque o que eu notava era que os alunos, poucos tinham pai presente, maioria de periferia naquela época não tinha tanta presença do pai. Então quando vinha um professor homem, eles acabavam se identificando, a gente jogava bola junto, fazíamos atividades que eles gostavam mais, a gente entende mais essa questão dos meninos, embora as meninas também se apeguem demais ao professor, eu acho que emocionalmente as meninas se apegam mais que os meninos, mas a educação infantil ela não tem esse peso do fundamental, no fundamental você tem que trabalhar em um trabalho mais voltado para o conteúdo, mais conteudista, e o sistema todo não te da muita liberdade, porque como não tem um conjunto, cada professor é um, se você não trabalhar do jeito que os outros trabalham, se você fizer muitas modificações não vai ter sequencia na outra série. Já na educação infantil não, na educação infantil você tem mais liberdade, nessa prefeitura tem o brincar como temática, então é mais fácil ainda, então você pode se divertir, porque pra mim eu venho pra cá pra fazer as crianças felizes e pra ficar feliz também, se for pra sair de coisa pra vir aqui, pra fazer aquela coisa chata... Não. A gente aqui, a gente se diverte, começo pra mim eu tive

aquelas dificuldades né? Mas...agora não, agora eles se divertem muito, eu pretendo ficar aqui, só sairia de sala de aula se fosse pra ajudar muito em outro lugar, mas a sala de aula pra mim é minha casa, é uma casa aqui pra mim.

3 Você falou que no começo encontrou dificuldades, quais foram elas?

As dificuldades da profissão são alheias à sala de aula, a sala de aula o que ela traz pra gente não é dificuldade, é desafio, então você tem um conteúdo, você tem um trabalho a fazer, você tem um projeto, juntamente com as crianças e a gente tem o desafio de implementar aquele projeto, um projeto em que a criança aprenda, que a criança tenha prazer de estar ali, então eu acho que assim, dificuldades... Tem muita reclamação com material, o material a gente consegue fazer muita coisa com sucata, com outros materiais que você pode conseguir, então as dificuldades maiores as vezes estão fora da sala de aula, que as vezes é questão salarial, as vezes é questão de valorização, que você não tem muito né? Então essas coisas... Contar com a comunidade, a comunidade pra mim não é uma dificuldade, a comunidade pra mim me ajuda muito no trabalho, no trabalho eu tenho muita ajuda dos pais, é um trabalho conjunto, comunidade não é um desafio, desafio é mais essas outras questões que a gente precisa, às vezes a gente tem que trabalhar em 3 lugares, pra poder ganhar um salário pra sustentar a família, ao passo que se eu ficar só aqui eu creio que renderia muito mais

4. Você colocou as dificuldades gerais enquanto à classe de professor, eu queria saber se na questão específica de gênero, por você ser homem, desde quando entrou até agora, se encontrou dificuldades?

Quando você começa na comunidade... Então, por exemplo, eu mudo de escola, se eu for pra uma outra escola de educação infantil, o que vai acontecer? Você vai ter uma serie de implicações nessa decisão, por quê? Os pais não te conhecem, eles vão colocar a questão será que ele é gay? É a primeira coisa... Meu filho vai ter aula com um homossexual? Já começa por ai. Ai passou essa primeira fase: ele não é gay. Então será que ele não vai ser muito bravo? Ele não vai bater nas crianças? Ele não vai ter uma atitude mais coercitiva?

As colegas de trabalho quando você chega, normalmente elas ficam com uma pulga atrás da orelha, como que é esse cara? Então quando você chega tem isso, depois as coisas mudam. A dificuldade inicial é essa, tem as etapas que você vai derrubando, primeiro as crianças que não estão acostumadas com um professor. A gente chega, define as regras, começa a se relacionar,

a brincar com essas crianças até você ser aceito, porque depois que você é aceito pelo grupo de crianças, aceito pelo grupo de professores, aceito pela direção... Porque não é uma coisa normal, se chega uma professora ela não precisa de tudo isso, ela é uma professora! Ela simplesmente se adequa ao sistema, já um professor não, um professor vai ter várias questões: casado ou não casado, você vai ter essa questão, tem aquelas professoras que são solteiras, tem as pessoas que dependendo do seu jeito acabam se apaixonando por você, não tem só crianças que se apaixonam pela gente, e a relação homem e mulher que é diferente, porque eu sinto que as professoras me respeitam muito, mais do que respeitam umas as outras, por ser professor. Não sei se veem um pai, irmão ou marido, mais quando a coisa aperta: cadê o professor? Você é um porto seguro ali, pra conversar, comentar... Então eu sinto assim, depois que você consegue tudo isso, tá bem com o grupo, é ótimo. Trabalhar com mulher eu não tenho reclamação nenhuma, é ótimo, porque as mulheres elas tem uma competência também, uma preocupação com o trabalho muito grande, então parece que a coisa encaixa, elas vão por um lado, você vai pelo outro e os pais acabam percebendo isso e com o tempo você ganha a comunidade, é conhecido, essa comunidade toda sabe quem é o professor Elias, se você perguntar na rua, eles não vão saber quem é professora Edimara, quem é professora Rita, mas se perguntar quem é o professor Elias, você é o professor da manhã e da tarde, eu saio na rua e dizem professor Elias. Eu venho andando pelo bairro e encontro as avós, as mães e oi tudo bem e tal, encontrei um grupo de manhã em umas 10, elas estavam correndo ali na quadra, e elas abraçam, conversam, porque já são 10 anos de comunidade.

E você mora aqui perto?

Por enquanto eu moro aqui perto, eu pretendo mudar pra Valinhos, mas eu moro aqui no bairro...

Mas a escolha dessa escola se deu pela localização?

Porque era perto de casa... Porque em todas as escolas que eu passei é o mesmo processo, eu sempre digo que a escola não tem problema, normalmente as pessoas que estão dentro da escola é que fazem o problema, você pode se dar bem ou não.

Como você analisa seu trabalho como professor?

Olha... Eu faço uma reflexão, esse ano de 2011 tá sendo um ano diferente, porque eu fiz uma opção pela Pedagogia Frenet, que já era uma coisa que vinha me incomodando, então eu estou estudando Frenet. O que eu posso dizer pra você é que é uma coisa muito gostosa, muito

legal, é uma coisa que me deixa muito feliz. Porque quando você opta por um trabalho, se você é pedreiro sua alegria é ver uma casa bonita, se você é pizzaiolo é fazer uma pizza que todo mundo coma, se você é professor, o que é minha alegria?... Eu voltei da greve, porque eu fiz a greve todos os dias da greve... Quando eu voltei da greve as crianças diziam: professor eu tava com tanta saudade de você... Cara acabou... Entendeu? Então o que você nota? Está dando certo. Quando os pais chegam pra você e dizem: Tô muito feliz. Quando um pai que nem me conhecia, coloca a criança na sala de aula e diz: Não vou tirar mais não, eu ia mudar ele de horário, mas não vou mudar porque ele tá aqui com você e você tem uma boa ressonância aqui no bairro. Então eu acho que isso... E mesmo nos momentos difíceis... Eu tive um momento aqui na escola que eu fui acusado de ter agredido uma criança, o Felipe. E o Felipe era um menino muito levado, muito acelerado e todos os anos, nos anos passados, no ano anterior ao meu ele tinha vários relatos da professora chamando a família, tentando trabalhar, ele não obedecia, ele era difícil. Levei pra minha sala e comecei a trabalhar com a família, chamei o pai, chamei a mãe porque eu tenho muito contato com os pais, eu acho importante chamar a mãe mais também chamar o pai pra conversar e os pais vem pra conversar. Eu fazia um trabalho longo com esse menino e uma avó acusou que eu tava batendo nesse menino, e que a neta dela que tava na minha sala tinha dito que eu tinha batido no menino e eu tava trabalhando com a família, e aí o que aconteceu... Eu emagreci 5 Kg, entendeu? Eu fiquei consumido por isso, só que as mães me abraçaram, teve um momento que as mães disseram: isso não é justo! E a mãe do menino se dispôs a processar a avó. Porque quem tava falando era uma avó de outra criança, e a mãe do Felipe falou: “Imagina professor...”. Ela até trabalha num posto de gasolina aqui, ela falou imagina que você judia do meu filho, você tá fazendo um trabalho maravilhoso, meu menino não tem mais reclamação, não tem mais ocorrência, o menino tá tranquilo. E o menino aqui no bairro, onde eu tiver, se eu tiver passando ele vem correndo, gritando meu nome, me abraça, é um escândalo o que o moleque faz. Então isso... Deu-se o processo, e o que aconteceu? Essa senhora que fez graça, a tia dela tem uma sorveteria no bairro, os meus pais fizeram uma campanha que ninguém ia na sorveteria, ou ela ia lá e desmentia tudo ou ia falir no bairro, a gente tá com um movimento forte, as mães vieram e choraram na minha reunião eu também me emocionei, fui no NAED, conheço a diretora do NAED, a diretora do NAED Silvana, foi minha diretora aqui, ela conhece meu trabalho, eu fui lá no NAED e falei: Silvana tá acontecendo esse problema. Levei meus cadernos, minhas atividades, tudo que eu trabalhava com os pais e disse pra ela que eu tava provando uma coisa que eu nem sabia do que eu tava sendo acusado, que tipo de agressão é essa? Resultado: a mãe veio, porque ela se sentiu muito pressionada, a Janaina que

é mãe da menina, veio na escola desmentiu tudo que a mãe dela disse, porque ela falou: “Eu sou responsável pela menina, não é minha mãe, o que minha mãe fala não tem valor”; fez uma carta, assinou e me entregou, aí eu conversei com as mães aí a sorveteria começou a vender de novo. Então foi um negócio assim que se eu não tenho a comunidade do meu lado, se eu não tenho meu histórico eu ia ter que sair da escola, porque aqui tem bandido, eu tenho filho de bandido aqui, nenhum deles vieram aqui e olha que eles vem armado na reunião, tem uns que vinham armados, tem até um que falou professor você quer que eu elimino? Eu falei não, pelo amor de Deus não vai eliminar ninguém não, deixa a pessoa, a maldade vai levar ela pra onde ela quer ir, eu não quero saber por que essa avó fez isso, se a menina entendeu uma coisa, um momento que eu falei mais duro com o Felipe, criança conta tudo, o Felipe seria o primeiro a contar pra mãe dele que ele apanhou, e a Maria Eduarda é uma menina muito mimada, crianças contam as coisas mais eu nem culpei ela, ela é uma criança, não vamos colocar ela na conversa, chamaram a menina e a menina negou tudo: “Não o professor não fez nada” e eu falei: Gente o que vocês tão fazendo com a menina? Colocar numa reunião de adulto, se acontece a violência me acompanha na sala de aula, a sala tá aberta, a escola é aberta, fizesse o corpo de delito, eu só disse que a incoerência é que quem me acusou não foi a mãe do menino, não é da família, é de outra família, a senhora tá arbitrando numa coisa, eu não vou processar a senhora porque a senhora vai perder o que a senhora tem, se eu colocasse na justiça, pedisse indenização, eu não vou fazer isso não. Emagreci, porque não esperava que no grupo meu tivesse esse tipo de denuncia, mas serve pra gente aprender, então eu falo pra você, um fato como esse descreve o quanto é compensador, eu tenho as declarações, fichado a respeito do que as mães dizem sobre o meu trabalho, são cartas, eu tenho um caderno que a gente chama de caderno de emoções e a gente registra o que tá acontecendo, então pra mim o que vale é o que quem tá no dia a dia diz, então o que eu posso dizer pra você é que eu sou um cara feliz mesmo, não é uma coisa que eu quero dizer só pra... É uma coisa do dia-a-dia, as crianças estão felizes, a gente se diverte. Tem horas que eu sou firme, mas eles sabem a hora certa de brincar, a hora que tem uma atividade que precisa de mais concentração, mas é tranquilo.

O que você faz quando não está trabalhando nesta escola?

R: Eu trabalho com adultos, com alfabetização de adultos aqui no bairro mesmo. Então muitas vós tem seus netos aqui comigo e a noite elas vão lá na alfabetização.

Como é seu relacionamento com as famílias?

R: Eu vou te dar um exemplo, eu tive um caso aqui de um menininho, o Daniel, como eu já to há muito tempo nesse trabalho, o Daniel foi trazido de outra sala para a minha por causa do tamanho dele, ele se adequava mais a essa sala aqui. Ele veio, chegou aqui no mês de março, ficava meio distante, não chegava perto, as crianças sempre se aproximam e ele não. Eu comecei a conversar com ele mais sempre a distancia e eu pensei “caramba” tem alguma coisa diferente com esse menino. Em certo momento ele chegou pra mim e disse: Professor eu queria ser menina! E eu falei: é mesmo é? Mas porque que você queria ser menina? Ele: porque menina dança balé, porque menina brinca de boneca. Eu falei: Há Daniel, mas você sabe que eu brinco de boneca? Ele ficou meio olhando meio assim... Você brinca de boneca professor? Eu falei assim: olha a boneca não é como se fosse uma criança? Pois é! Eu tenho filha, minha filha é como se fosse uma boneca pra mim, eu brinco com ela, ela ta sempre no meu colo. Dançar... Eu danço na quadra, você já viu dançando, a gente vai lá na festa junina, eu danço mal pra caramba, mas danço; eu pulo pra lá, eu pulo pra cá; pra fazer essas coisas eu não preciso ser menina. Você é um menino e qual o problema? Eu perguntei se ele já tinha falado isso com os pais dele e ele disse que não porque o pai era muito duro. Eu pensei, uma criança de 5 anos falar que o pai é duro? Tem alguma coisa errada ai! Chamei a mãe, conversei com a mãe, perguntei como que era a relação dele com o pai, e ela disse que era difícil porque o pai era muito estúpido, ai eu chamei o pai; um cara todo machão, durão, me perguntou seu eu tinha notado alguma coisa no seu filho e eu disse: olha pai o que notei talvez não seja o que você ta pensando. O pai perguntou: Mas por quê? Ele tem jeito de gay? E eu falei: Não! Eu não queria partir por esse assunto com você, não é isso que me incomoda até porque isso nem é da minha alçada, eu sou um professor de educação infantil; o que mais me chamou a atenção não foi ele falar que gosta de brincar de coisas de menina, porque isso eu tiro de letra aqui; o que me incomoda foi o que ele disse sobre não ter você perto, isso me incomoda. Questão de homossexualidade, isso eu não vou nem entrar, isso é uma coisa que vocês, marido e mulher, que discute. Eu to preocupado com essa questão da distancia entre vocês, vocês brincam juntos? Não! Porque eu trabalho demais professor. Mas vocês não brincam juntos, não tem tempo nenhum pro menino; bom, vamos fazer o seguinte, o Daniel ta precisando de um pai, você coloca uma série de responsabilidades na sua esposa e você? Quando é que você é pai? Ai o cara desmontou e começou a chorar, chorou, chorou e eu disse: olha pai eu não to querendo te magoar mais eu tenho que te falar a verdade, ele é seu filho não é meu filho; comigo aqui eu vou conquistar esse menino, já estou conquistando. Isso faz 15 dias, tem várias histórias que eu poderia te contar aqui sobre problemas parecidos, de pais presos também. Ontem esse pai chegou na porta todo sorridente, antes ele tava sempre

com ar pesado, chegou na porta pra buscar o Daniel e me disse: Professor, to muito feliz! E eu perguntei por que e ele começou a chorar de novo, ai eu falei: Cara, você ta chorão hein, é só falar comigo que você chora (risos), mas o que ta acontecendo? Pai: Cara, eu comprei um Playstation. Foi ai que eu entendi que ele tinha compreendido que a única forma dele chegar ao filho era através do brincar.

Eu tenho até uma bola que veio de dentro da cadeia, ganhei de um pai em agradecimento ao trabalho que eu tava fazendo com a filha dele. Na minha reunião vem mãe e pai, se você vier aqui num dia de reunião você vai ver que é lotado, no dia das mães tinha 48 pessoas nessa sala. Então é isso, o trabalho é esse, eu acho que nasci pra isso.

Como é seu relacionamento com os/as demais profissionais da creche?

R: Olha pra você ter uma ideia a nossa OP (orientadora pedagógica) ta aposentando e o desejo do pessoal é que assuma o lugar dela. Então assim, eu sou uma pessoa que troco muito, então eu to sempre dividindo as coisas com as outras professoras, a gente trabalha junto, eu não tenho problema em aprender e se eu puder ensinar... Então eu sou aberto, o que é meu é delas, então é bem tranquilo.

Como você acha que as crianças e os/as demais profissionais veem o seu trabalho?

R: Olha, é muito difícil falar isso, mas sempre quando uma criança vira pra você e fala eu te amo, eu gosto de você, quando você chega você vê que eles estão alegres, todo mundo quer pegar na sua mão; quando eu saio um pouco, rápido, para alguma reunião e fica alguma professora aqui, ai quando eu volto, eles estão todos alegres, “obá, o professor voltou!” Isso responde. Quando você fica um pouco fora da escola, fazendo curso ou algo parecido e todo mundo fala: Nossa você demorou hein!

E eu amo criança por causa disso, porque criança fala o que sente, não vai mentir; mesmo aqueles que são mais tímidos, o olhar deles é tudo. Eles me conhecem e eu conheço eles, então quando eu não to bem eles sabem, quando eu to com dor ou alguma coisa, eles ficam em silencio: “Vamos cuidar do professor”!

Qual sua opinião sobre a presença do homem na educação infantil

R: Eu acho que deveria ter cota, vou ser meio exagerado, mas deveria ter um mínimo obrigatório. Primeiro porque os homens não conhecem a escola, muitos não tiveram a oportunidade de fazer magistério, mas a presença de um homem na educação infantil é

primordial, porque é um ambiente muito feminino e normalmente os guardas que nós temos, o faxineiro ou alguma coisa assim, eles não tem formação adequada, então você tem a necessidade de um referencial masculino muito grande. Nós tivemos um monitor que ficou com a gente aqui, o Pedro, nossa as crianças amavam o Pedro, isso lá no CIMEI que não tinham homens, então eu acho muito importante, imprescindível.

Professor Luis.

Entrevista concedida em 18/04/2012

Como e quando foi que você decidiu ser professor?

R. Bom, minha formação começou com quinze anos, eu fiz magistério e lembro que muitas pessoas na minha cidade, queriam entrar nessa escola que era o CEFAM. Porque era uma escola de período integral, tinha um bom estudo e também tinha uma bolsa de estudos pra quem estudava. E foi meu interesse, na verdade meu interesse era estudar no CEFAM, pelo estudo que ele promovia, não era mesmo pela formação, fui descobrir o que era formação de professor quando eu já estava cursando o magistério.

Então eu iniciei o meu estudo lá, vi que era uma coisa que eu tinha aptidão, até porque eu sempre gostei muito de estar dentro de uma instituição escolar, sempre fui aqueles alunos “chatos” de estar o tempo inteiro na escola, então a partir daí tomei gosto pela educação em si. Primeiro eu fui mais pelo estudo, dos ensinamentos públicos que tinham lá, o CEFAM era o mais reforçado, era o que te preparava melhor, e a partir fui tomando gosto pela educação através das docências, dos trabalhos, porque o CEFAM trabalhava muito com projetos direcionados já com as crianças, não ficava só na teoria como acaba sendo na faculdade, muitas vezes. Então o magistério dava mais esse respaldo... O contato direto.

Então eu acabei me habituando, gostando de estar nesse ambiente e a partir daí eu tomei a decisão que eu ia seguir carreira.

Como se deu a escolha pela educação infantil?

R. Depois que eu saí do meu magistério, eu iniciei carreira no fundamental, só que não era concursado, era processo seletivo. Então eu tinha um concurso que me habilitava por um ano e prorrogava por mais dois, só que nada além disso, depois eu tinha que ficar um período parado sem poder estar atuando na rede, então eu acabei optando por alguns concursos. Eu tinha feito estágio na educação infantil e tinha gostado da educação infantil, mas ainda não sabia o que era trabalhar com educação infantil, estágio é uma coisa mais o dia-a-dia ali é bem diferente e aí saiu concurso na cidade de Piracicaba e eu realizei o concurso e pouco tempo depois saiu aqui no município de Campinas, mas eu optei mesmo porque foi o concurso que apareceu, eu fiz em outros lugares, fui chamado mais digamos que o salário não compensava muito, até para o fundamental que foi o que eu iniciei, de certa forma acabo tendo mais aptidão pelo fundamental e o infantil foi o concurso que me apareceu, como oportunidade de ingressar concursado numa rede. E aí eu fui chamado em Piracicaba, trabalhei lá um ano e meio, mais ou menos, dois... Aí eu fui chamado aqui, então a opção pela educação infantil foi pela porta que se abriu, não era uma coisa que eu já pensava antes.

Você encontrou ou encontra dificuldades na profissão?

R. Eu acho que toda dificuldade é em relação a qualquer nível de educação, é diferente daquilo que eu já estava habituado porque eu ingressei no fundamental e a matéria curricular da educação infantil era muito pouca na minha faculdade, na pedagogia, e até no meu magistério, foi assim seis meses, é uma matéria muito pouco vista, há uma preocupação maior com o currículo do fundamental, a visão do letramento, da alfabetização em si, então acho que a dificuldade foi a mesma que eu enfrentei quando ingressei no fundamental, quando eu ingressei no infantil que é conhecer a realidade da sociedade, que é conhecer a faixa etária, que é respeitar a criança de acordo com seus níveis de desenvolvimento.

E especificamente por ser homem, você encontrou dificuldades?

R. Não. A rede de Penapolis é uma rede que tem muitos professores homens no fundamental, muitos... É uma rede bem dividida, posso até dizer 50% homens e 50% mulheres. Quando eu ingressei no infantil, lá em Penapolis os homens são em menor numero, mas ainda temos muitos homens atuando na educação infantil. Quando eu ingressei em Piracicaba, eu até pensei, nossa eu não conheço a rede, de repente pode ser que não.... Mais na escola que eu ingressei, eu fui entrar justamente no lugar de um professor homem, que ele era do processo seletivo e eu concursado entrei pra tomar posse do meu cargo e era um professor homem, então a instituição, a comunidade já estava preparada, não sei se teve um processo árduo antes

disso com ele ou com outros que vieram antes dele, mas quando eu ingressei já não tinha problema. Quando eu ingressei na rede de Campinas, eu caí justamente numa escola que já tinha um professor homem e tinham dois monitores homens que é o Sergio e o Michel, depois veio mais um que não está mais conosco, então foi bem tranquilo.

Como você analisa seu trabalho como professor?

R. Bom, acho que o planejamento que a gente faz, ele vai de acordo com todos os outros professores, então na nossa atuação a complicação é de qualquer professor, acredito que em qualquer nível de educação. Então as dificuldades que eu encontro hoje na rede, mais na rede do que na própria profissão, porque de certa forma eu me adaptei bem na educação infantil, eu gostei dessa faixa etária, ainda pretendo voltar para o fundamental, porque eu acho que meu trabalho é mais voltado para o fundamental, mas eu aprendi a gostar e a respeitar muito mais a educação infantil, trabalhando na educação infantil. Agora a dificuldade mais que eu encontro é na rede, trinta e tantos alunos por sala, é uma sala pequena, acaba sendo uma infraestrutura muito precária de acordo com a exigência deles, fora as ordens judiciais. Então quando eu ingressei aqui, eu tinha trinta e um alunos e a professora do lado tinha trinta e quatro, sendo que tinha alunos de inclusão dentro da sala dela, então o trabalho era muito complicado, mas o trabalho acontece, a gente faz um planejamento, a gente procura atender da melhor forma, só que o trabalho acaba sendo complicado acredito que pela infraestrutura porque o sistema não ajuda muito nessa parte.

Como você desenvolve seu trabalho?

R. No começo do ano nos planejamentos, a gente procura conhecer a faixa etária e eu trabalho com projetos, mas não é aquela pedagogia de projetos e também não acontece com essa pedagogia Frenet que está instaurada na rede. Porque a pedagogia Frenet, primeiro que tem que ter um estudo muito mais detalhado sobre o que é isso e as propostas “Frenetianas” não acontecem com trinta crianças numa sala de aula, não tem nem sala de aula e também nem esse número exorbitante de crianças. Então eu procuro desenvolver através de projetos que partem de interesse da turma e do meu interesse também, porque eu tenho uma proposta pra trazer pras crianças, respeitando a faixa etária, a aptidão deles, então a gente trabalha muito com projetos não só individuais, como coletivos.

O que você faz quando não está trabalhando nesta escola?

R. Estou planejando aula... (risos), estou fazendo avaliação, e como eu ocupo também o cargo de orientador pedagógico aqui no período da manhã como “dobra”, então meu período fora da escola acaba sendo voltado também para a escola. Então as segundas feiras a noite eu tenho curso no CEFORTEPE sobre arte e nos outros dias da semana eu estou organizando as reuniões, estou preparando minhas aulas, então acaba sendo mais voltado para isso mesmo, pro trabalho aqui.

Como é seu relacionamento com as famílias?

R. Sempre foi muito tranquilo, sempre se deu de forma tranquila, sempre agradei muito porque nunca tive problema com família, porque eu já vi professores tendo problema e até professoras que o pai vem e reclama e por eu ser homem na educação infantil eu já fico com um pé atrás pra que não... Porque assim, um problema com a família e qualquer professora é um problema que se aconteceu, agora quando é um professor, parece que o problema se deu por ele ser professor... Homem! Como aconteceu aqui na escola de uma mãe recusar um professor da manhã, falando que não queria que fosse professor homem. Os motivos ela deve ter os dela, ela tem esse direito não sei até onde, até onde vai esse direito de escolher o professor... Mas que acaba sendo também um preconceito, porque quem sofre bullying? Apenas as crianças? Então a gente pode pensar a respeito disso, mas eu nunca tive problema com família, sempre foi muito tranquilo e até porque eu já deixo isso bem claro na reunião de pais. Na primeira reunião que eu faço com os pais, eu me apresento, falo da minha formação, pra eles saberem que eu não cheguei aqui do nada e estou aqui e eu procuro deixar bem claro pros pais qual é o meu trabalho e também sempre me respaldo em relação a todo cuidado que se pode ter pra que não dê margens a pensamento duplo, entendeu? Eu sempre procuro fazer as minhas ações visando toda a segurança possível até em relação às crianças, eu acho que isso tanto professor homem quanto professora mulher tem que ter e não sei se todos tem essa postura, porque aqui na escola a gente vê essa preocupação muito grande e eu acho isso muito legal, mas eu nunca tive problema com a comunidade, nenhum e espero não ter também.

Mais você tem esse respaldo maior por você ser homem?

R. Eu não sei se é por ser homem ou por ser a minha postura. Porque a gente vê casos de abuso sexual e geralmente tá ligado aos homens, negando as mulheres desse processo, mas se estudar mais minuciosamente e perceber casos, a gente percebe que há abuso sexual por parte de mulheres também. Então acho que isso não é ligado a um sexo, a um gênero, isso é ligado a um ser humano, não sei se por doença, se por... Enfim né? Cada um tem as suas convicções,

eu acho que não cabe aqui. Mas por ser homem eu tomo esse cuidado, não sei se só por ser homem ou se é pela minha própria postura de ser humano. Mas eu procuro ter esse cuidado e até oriento os outros professores a ter esses cuidados e as professoras, porque é todo um respaldo, uma legalidade, quer dizer vem aqui alguém alegando alguma coisa: Peraí... Eu tenho testemunhas, eu tenho outras pessoas que compareceram e aconteceu dessa forma. Então se eu tenho segurança naquilo que eu falo, naquilo que eu faço, eu tenho segurança pra me defender de algum possível mal entendido.

E seu relacionamento com os outros profissionais aqui da creche?

R. Absolutamente tranquilo. Nunca teve problema nenhum. Não pela questão de gênero, as vezes um tem uma filosofia de trabalho, outro tem outra, acabam as discussões acontecendo, mas absolutamente normal.

Como você acha que as crianças e demais profissionais da creche veem o seu trabalho?

R. Nossa, bem complicado. Olha... Eu sempre tive crianças muito afetuosas, sempre tive alunos muito afetuosos. Inclusive foi uma surpresa o ano passado, foi muito engraçado. Na sala de aula eu tenho uma postura muito seria, eu sou um professor de educação infantil, brinco bastante com as crianças mas nos momentos sérios eu gosto de seriedade, não sei como é o trabalho dos outros professores dentro da sala de aula, então eu só posso responder por mim. No ano passado eu recebi o aluno de uma outra professora que estava aqui também o ano passado e ele foi aluno dela no ano retrasado. E quando foi feita a chamada dos alunos no portão, eu fiz a chamada, dois alunos falaram: eu não gosto mais daqui, eu não quero mais vir pra cá, porque eu ia ser o professor deles. Mas foi por aquela surpresa porque eu estava sempre com eles, eu era o professor bravo, e eles vieram para minha sala, e o relacionamento sempre foi muito bom. Primeiro teve essa coisa de eu não quero mais ficar aqui, mas depois foi muito tranquilo a ponto de no final do ano, eu cheguei até a me emocionar, por que na festa de despedida, eles já falavam que eles não queriam sair da escola, chegaram a chorar de soluçar, porque não queriam deixar o professor. No meio do ano quando eu falei que a gente ia entrar em recesso que eles iam passear, eles queriam viajar comigo, então sempre teve uma fetó muito grande e isso pra mim sempre foi muito legal, sempre foi muito positivo. Então esse é o retorno que eu tenho das crianças: é afetividade, é o querer estar junto, é o querer estar perto. Dos outros profissionais eu nunca tive uma resposta direta ou aberta, porque a gente pouco troca sobre isso, sobre o que um acha do trabalho do outro. Até porque cada um tá tão ligado ao seu próprio trabalho, mesmo que a gente faça projetos coletivos, eu to tão

preocupado com a minha turma que eu nem tenho visão de como ta acontecendo o trabalho da outra turma dentro da sala dela. Então mesmo nos projetos coletivos a gente tem uma visão muito fragmentada de como é o trabalho efetivo lá dentro. Mas eu já tive respostas de outros profissionais, como uma professora que era readaptada aqui o ano passado, que acabou aposentando no final do ano passado, ela vinha falar que eu e mais dois ou três professores éramos os mais queridos, porque os pais passavam lá e falavam, e elogiavam. Porque ela até falava assim, os pais que vem aqui criticar, eles vem e criticam mesmo, mas o legal dessa comunidade é que os pais que querem elogiar, que eles vêem um bom trabalho, eles também elogiam. E ela passava lá e falava, os pais elogiavam muito o nosso trabalho. Mas não sei qual a efetiva visão que eles tem, com certeza a gente agradou muita gente e com certeza a gente desagradou alguns também.

Qual sua opinião sobre a presença do homem na educação infantil?

R. Eu acho que isso tudo é um processo muito novo. Por eu ter ingressado na educação infantil já com outros professores homens, pra mim isso não foi uma quebra muito grande, não tive que enfrentar grandes argumentos da sociedade, não passei por esse processo e espero não ter que passar, porque eu acho desnecessário. Mas ao longo da história da educação isso é uma coisa muito recente, então eu vejo como uma coisa que ta caminhando e hoje em dia nos cursos de pedagogia, tu percebe um numero muito maior de homens, e esses homens vão pra onde depois da pedagogia? Eles vão pros concursos que se abrem, as portas que se abrem. Meu objetivo é o fundamental? É o fundamental, mas surgiu hoje uma oportunidade na educação infantil e eu tenho habilitação, porque não? E porque não, gostar disso? Como foi o meu caso, eu gostei da educação infantil, estou na educação infantil porque eu gosto da educação infantil. Mas ainda afirmo, eu acho que o meu trabalho ainda é mais voltado para o fundamental, não que eu desenvolva o trabalho para o fundamental no infantil, mas eu acho que a minha forma de trabalhar ainda ta mais ligada ao fundamental, a minha aptidão. Mais eu adéquo isso ao meu trabalho porque eu pesquisei depois que entrei, eu falei: nossa eu preciso conhecer essas crianças da educação infantil, não posso chegar lá com uma perspectiva de fundamental. Então acho que ao longo da história ta caminhando exatamente pra isso. Temos mais professores, temos mais estudantes de pedagogia homens, homens ingressando, ainda bem menos que as mulheres, mais ainda vemos um número muito maior e cada vez mais crescente. E acho que as portas se abrindo, eles vão pra onde estão abertas. Surgiu aqui um concurso pra educação infantil, eu vou fazer aqui e depois descobrir o que é, então acho que ao longo do processo vai crescendo, ainda é poço aqui na rede, né?

Professores são sete.

Na rede toda de Campinas?

Sim, na rede toda.

É, ainda são poucos, mais ainda sim eu acho que ao longo do processo vai ter uma procura maior. Se a gente pensar isso há dez anos, não tinha nenhum, e hoje já temos sete. Na rede de Piracicaba eu não lembro quanto que era ao todo, mas se não me engano passavam de dez. Mas assim, você vê dez professores e oitocentas professoras, o número é bem discrepante, mas ainda são dez.

Professor Caio.

Entrevista concedida em 27/04/2012

Como e quando você decidiu ser professor?

R. Aos 14 anos de idade, ainda cursando o ensino fundamental, eu sempre tive facilidade para o ensino de matemática e eu já era procurado, aos 14 anos de idade, já era procurado na escola onde eu estudei, estudei em escola pública, fiz o ensino fundamental e o ensino médio em escola pública. Eu já era procurado na época para ajudar alguns colegas no ensino de matemática. Eu tinha facilidade, tanto para aprender quanto para ensinar.

E acho que foi nesse período que comecei a tomar gosto pela coisa, que eu fui me descobrindo. Ai em 1994 eu prestei vestibulinho no CEFAM Campinas, passei no vestibulinho e cursei quatro anos de magistério, conclui o magistério no final de 1997 e em 1998 já fui para a sala de aula, encarar as salas de 1° a 4° de ensino fundamental.

Comecei minha carreira de professor em escola pública, dando aula em salas de 1° a 4° do ensino fundamental, comecei como professor substituto e quando foi no ano de 2000 prestei concurso na secretaria municipal de educação, prestei dois concursos: prestei para professor de educação infantil e professor do ensino fundamental I.

E aí, fui chamado primeiro no concurso para educação infantil, assumi e fiquei; depois não tive mais interesse quando chegou a chamada do cargo de ensino fundamental, eu já tinha tomado gosto pela educação infantil e continuei e estou até hoje, exercendo esse cargo.

Como que se deu a escolha pela educação infantil?

R. Eu tinha terminado em 1997 o magistério, e surgiu a oportunidade do concurso em 2000 em Campinas, eu tinha estudado quatro anos para ser professor no CEFAM, na época eu estava cursando letras, não optei por pedagogia. Quando eu prestei vestibular, eu até fiquei com dúvida, eu gostava muito da área de matemática e gostava muito da área de português também, da área de letras, aí acabei optando por letras. Em 2000 prestei o concurso para educação infantil e fui chamado primeiro do que o de 1º a 4º, e comecei a exercer em 2000. Em 2002 eu terminei a faculdade, quando foi em 2005 eu prestei concurso de língua portuguesa e inglês no estado e fui aprovado nas duas, mais fui chamado primeiro em português, graças a Deus, porque eu gosto mais de português, e passei a exercer dupla jornada, acumulo, tanto na rede estadual como na rede municipal de ensino. Quando comecei a exercer a docência na educação infantil, eu gostei, me identifiquei, já tinha cursado os quatro anos do magistério; gostei muito do curso de magistério, foi um curso muito proveitoso, eu até falo que a minha base da parte de humanidade foi tudo na época do CEFAM porque eu tive professores muito bons, inclusive muitos eram formados pela Unicamp, mestres e toda aquela filosofia de trabalho da Unicamp, eles levaram tudo pra nós nesses quatro anos de CEFAM e assim eu tomei gosto pela educação infantil, trabalhando mesmo na educação infantil e não larguei mais.

Encontrou ou encontra dificuldades na profissão?

R. A dificuldade maior que eu sempre senti na educação infantil foi o número de crianças por sala, aqui no CEMEI “Massucci”, por exemplo, eu tive no ano de 2009 eu tive trinta e cinco crianças matriculadas na sala de aula, embora não viessem todas, todos os dias, mas no dia em que vinham trinta crianças, que vinham trinta e duas crianças, o trabalho fica um pouco inviável, as dificuldades são muitas. Até para as próprias crianças, o espaço que elas utilizam a questão da atenção, você está dando atenção pra alguém e outra criança, às vezes, está numa situação de conflito, então a quantidade de alunos pra mim é o maior problema.

No que diz respeito a questão de gênero, por eu ser um professor do sexo masculino, atuando na EI, nessa escola em específico em 2009 quando eu entrei, eu tive o caso de uma mãe que

no começo deu algumas demonstrações de um pouco de receio, ela ficava indagando sobre, por exemplo, como faria quando a filha dela precisasse ir ao banheiro e não souber utilizar o banheiro sozinha, esse tipo de coisa. Só que ao longo do ano foi tranquilo, a gente foi tendo umas conversas, a mãe foi me conhecendo melhor, porque eu tinha chegado aqui em 2009, mas já tinha trabalhado 8 anos em uma outra unidade, a comunidade da outra escola já me conhecia, eu só me removi porque o prédio onde a escola funcionava na era um prédio próprio da prefeitura, então como a prefeitura resolveu construir uma outra escola e essa outra escola era num bairro que ficaria ainda mais longe da minha residência, eu optei por me remover, não quis ir pra aquela nova escola. E assim eu vim pra Ca, um professor do sexo masculino, acredito que fui o primeiro, porque o Evandro não estava aqui, o Evandro chegou depois aqui nessa escola. E aí a mãe estranhou, porque até então tinham monitores, mas não tinha professor, tinha professoras e monitores. E eu assumi Ag III, eu vim pra cá porque meu interesse era trabalhar com Ag III, sempre foi e aí ela ficou um pouco ressabiada, eu senti um pouco de... Mas assim, com exceção dessa mãe, sempre foi muito tranquilo, nessa escola onde eu trabalhei durante oito anos, sempre fui muito bem recebido, a comunidade sempre valorizou muito, e até tinham períodos interessantes, depois de um tempo que as mães foram me conhecendo melhor, no começo do ano elas até pediam que seus filhos fossem matriculados na minha sala, porque foram me conhecendo, né? Acho que tudo é questão de você conhecer a pessoa, porque toda pessoa que você não conhece, no começo gera certa insegurança. E principalmente quem tem uma criança, mas aqui no caso específico do “massucci” foi só essa mãe. Teve até um dia que eu perguntei pra ela e no caso do pediatra que examina a criança, como que faz? E a mãe respondeu que nesse caso a mãe acompanha na consulta, mas com o tempo as coisas foram se acertando e não teve maiores problemas.

Como você analisa o seu trabalho como professor?

R. Eu analiso como um bom trabalho, as coisas que eu realizo é sempre baseado no planejamento que eu faço, e esse planejamento é analisado e estudado tanto pela equipe gestora da escola como também pela equipe de coordenação pedagógica e supervisão do NAED, e até recentemente, nesse ano específico meu projeto foi bem elogiado por parte da coordenação e por parte da supervisão, nós tivemos um retorno, a diretora e uma professora aqui da escola estiveram lá no NAED e fomos bem elogiados, não só o meu planejamento específico, mas o grupo como um todo.

O meu trabalho como um todo eu sempre realizei com bastante tranquilidade, com bastante segurança, sempre me pautando nos princípios que regem todo esse trabalho de EI, eu me baseio sempre nos parâmetros curriculares nacionais para a EI, toda a bibliografia para o planejamento ta baseada praticamente nos parâmetros curriculares, também algumas revistas da área que eu assino e estou sempre lendo para me aperfeiçoar, e os cursos que a secretaria municipal de educação vem me oferecendo ao longo da carreira, já fiz muitos cursos oferecidos pela própria prefeitura, inclusive teve um período que eu fiz muitas horas de projeto de orientação sexual. Na outra escola de eu vim que era uma EMEI, eu desenvolvi durante um tempo, naquela carga horária pedagógica que chama CHP, eu desenvolvi um trabalho de orientação sexual, tanto para minhas crianças quanto para as crianças do outro período, com turmas de outras professoras.

Então eu acredito que meu trabalho é um bom trabalho, eu acredito no meu trabalho, tenho confiança no meu trabalho. Todo mundo tem dificuldade, a gente se depara com situações novas a cada novo ano, o professor tem que estar sempre estudando, lendo muito, pesquisando, trocando experiências com os colegas da área, mas sempre quando eu tenho um novo obstáculo pela frente, eu procuro aprender mais, tentar contornar da melhor maneira possível e tenho obtido bons êxitos no meu trabalho.

Como você desenvolve seu trabalho?

R. Aqui especificamente no “Massucci”, dentro do meu projeto eu tenho uma parte que é mais específica da educação infantil e dessa faixa de Ag III e trabalho também com alguns projetos. Dentro da minha rotina de trabalho, existem os cantinhos, nesses cantinhos as crianças tem oportunidade de escolher variadas atividades. Tem cantinho com jogos pra explorar o raciocínio lógico matemático, um cantinho só com produção de desenho, parte de linguagem e escrita, eu valorizo muito a produção de desenho livre porque acho que é uma forma da criança se expressar, a gente tem o cantinho da massinha, a gente tem o cantinho de pintura e tem alguns momentos também com atividades mais dirigidas e mais direcionadas. Por exemplo, há alguns dias eu passei uma atividade com a escrita do nome, em que era dado o nome dela por escrito e tinha um diagrama com todas as letras do alfabeto, ela tinha que encontrar as letras do nome dela, depois colorir e escrever o nome dela, depois tinha que contar a quantidade de letras do nome dela, tentar grafar esse numeral que corresponde a quantidade de letras. Então isso envolve a rotina da sala de aula, todo começo de aula existe a roda, é nessa roda que eu faço a chamada, é nessa roda que eu faço o sorteio do ajudante do

dia, porque as crianças são muito ansiosas e todo dia todo mundo quer ser ajudante e nesse momento inicial a gente faz essa escolha, a gente conversa como vai ser a rotina daquele dia.

O que você faz quando não está trabalhando nesta escola?

R. De segunda a sexta feira no período da tarde eu estou geralmente em casa, as vezes saio pra levar meus filhos ao pediatra, levar minha esposa a uma consulta, além da questão do preparo de aula, do estudo, sempre tem muita coisa pra fazer, a gente sempre leva muito trabalho pra casa, questão de planejamento, questão de organização de materiais, sempre tem muito trabalho pra levar pra casa, então quando não estou aqui nessa escola, ou estou em casa trabalhando com coisas relacionadas a escola, ou estou me dedicando a minha família e de segunda a sexta no período noturno eu também trabalho com o ensino médio, carga de língua portuguesa. Então eu tenho uma carga de trabalho diretamente com aluno de segunda a sexta feira das 7 as 11 da manha com crianças de EI e tenho das 19 as 23 aulas com alunos do segundo e terceiros anos do ensino médio com a disciplina de língua portuguesa. Também tenho horários de reuniões pedagógicas, no estado as quartas feiras eu entro às 17 horas para o HTPC (horario de trabalho pedagógico coletivo) e as terças na EMEI eu fico das 11 horas até as 12 horas e 45 minutos para o TDC (trabalho docente coletivo) e ainda possuo as sextas uma hora de TDI (trabalho docente individual) que é utilizado para atendimentos aos pais, reuniões com outro docentes para planejamentos, então esse horário é muito útil, pois no dia-a-dia não dá tempo de conversar sobre as atividades.

Como é seu relacionamento com as famílias? E com os (as) outros (as) profissionais da creche?

R. Tanto esse ano aqui no “massuci” como nos anos anteriores sempre foi muito tranquilo, e sempre que posso estou conversando com os pais, se surgir algum tipo de problema que haja necessidade de se chamar esses pais, eu agendo pelo “caderninho de recado” um horário, as vezes é uma convocação. Eu deixo muito claro na primeira reunião do ano letivo, que eu sempre estou aberto ao dialogo, esse trabalho da escola com a família é muito importante, a criança só tem a ganhar. Ela passa 4 horas aqui no Ag III, mas as outras 20 horas ela passa lá fora, então a escola precisa saber de informações da vida da criança para que nos possamos compreender essa criança aqui dentro.

O meu relacionamento com essas famílias tem sido tranquilo, não tenho encontrado problemas, e mesmo se começar a querer acontecer algum problema, eu já chamo pra conversar, sempre por base do dialogo.

Com os outros profissionais também é tranquilo, não costumo ter problema, aqui na escol quando tem algo que precisa ser resolvido no coletivo, a gente conversa, o dialogo sempre esta presente, a equipe gestora sempre esta aberta ao dialogo, mas a equipe é tranquila.

Como você acha que as crianças e os demais profissionais vêm seu trabalho?

R. No caso das crianças especificamente, eu não saberia te responder como que elas entendem isso. Porque geralmente quando nos fazemos as reuniões com os pais, geralmente é dado um questionário para eles escreverem o que eles elogiam, criticam ou sugerem. E meu trabalho geralmente é bem avaliado pela comunidade, pelos pais, eles fazem bastantes elogios, nessa questão da atenção a criança, o aprendizado...

Mas o meu trabalho como um todo, tanto por parte da gestão, no ano passado, por exemplo, eu fui bem avaliado, nós tivemos ano passado a primeira avaliação de desempenho, e tanto por parte dos colegas como por parte da direção, eu tive uma boa avaliação, no modo geral foi muito boa, se aproximou quase do ótimo, avaliando todos os quesitos se aproximou quase do ótimo.

Com as crianças ainda não temos uma pratica de perguntar pra ela o que acha do nosso trabalho, quem faz essa avaliação são os pais, são eles que trazem pra nós o retorno do trabalho feito. Em relação aos adultos, nós fazemos nossa avaliação, ontem mesmo do TDC, nós estávamos fazendo uma avaliação das nossas praticas enquanto coletivo, enquanto escola.

Qual sua opinião sobre a presença do homem na educação infantil?

R. Minha opinião é que é muito importante, eu acho até que deveria ter mais homens trabalhando na EI, porque a criança só nasce porque ela é fruto de uma união de um homem e de uma mulher, então tem duas pessoa ali presentes na vida dela, duas pessoa de gêneros distintos, e é justamente por conta dessa união de pessoas de gêneros diferentes que a criança é gerada, mesmo que não tenha um contato físico, mas é necessário que haja alguma participação de alguma forma do sexo masculino.

Em casa, hoje nos dias atuais, muitas crianças, as vezes, nem tem a presença paterna, eu já lidei com muitas crianças com moravam ou só com a mãe, ou só com a avó, ou morava com

uma tia que cuidava, eu tenho esse ano criança aqui que mora apenas com a avó, a mãe praticamente abandonou criança e o país, a avó diz que nem sabe direito quem é. Então ele tem essa figura materna, e aqui na escola ele tem a oportunidade de ter a figura masculina, ou seja, quem tem a figura feminina e masculina em casa, ótimo, que bom que ela tem, e a criança que não tem, se tem uma pessoa na escola, por exemplo, um professor do sexo masculino, é uma referencia né? É uma oportunidade dessa criança de ter na vida dela uma pessoa de gênero diferente, essa presença do professor do sexo masculino eu acredito que é muito importante. Infelizmente não temos muitos ainda, nem na EI e nem no ensino fundamental I, de primeira a quarta. Só que já temos um numero maior de quinta a oitava e de ensino médio, vai aumentando né? E ensino superior, acho que a tendência deve ser maior, mas infelizmente na EI ainda não há muito, embora hoje tenha aumentado, conheço varias pessoas que tem se interessado pelos cursos de pedagogia. Em países do primeiro mundo a gente vê muitos professores homens atuando com crianças pequenas, a gente vê Finlândia, EUA, Japão, a gente vê vários professores atuando no fundamental I e com os pequenininhos da EI. Aqui no Brasil, ainda temos essa cultura preconceituosa até por conta do nosso processo de formação, um processo histórico do nosso país, aquela questão da sociedade patriarcal, as mulheres ficavam em casa e os homens saiam para trabalhar, e as mulheres quando o ensino publico foi oferecido há muito anos atrás, quando o ensino publico começou a ser oferecido para as camadas populares, as mulheres na verdade é que iam se dedicar a docência, as mulheres que iam fazer os cursos de magistério, as mulheres que iam para a sala de aula e os homens geralmente iam realizar um processo histórico, e hoje a gente vê mulheres que só exerciam profissões que eram consideradas profissões femininas e hoje a gente vê mulheres dirigindo meios de transporte coletivo, a gente vê mulheres atuando em áreas que antes só eram exercidas pelo publico masculino, então hoje esta acontecendo isso, os homens estão se interessando... então eu acho que é muito interessante, muito bom.

Professor Bruno

Entrevista concedida em 04/05/2012

Como e quando decidiu ser professor?

R: Eu comecei como catequista aos 11 anos e desde essa época eu já queria ser professor. Na minha cidade não tinha magistério e aí na 7ª série a gente começou a organizar um grupo para ter o magistério mais não deu quorum, então fomos estudar em outra cidade.

Como se deu a escola pela educação infantil?

R: Desde quando eu trabalhava no fundamental eu já queria trabalhar com os pequenos, já tinha essa vontade, em 2000 quando surgiu a oportunidade do concurso eu fiz a escolha pela educação infantil, poderia ter escolhido o fundamental também, mais já queria a educação infantil, creche mesmo de 0 a 3 anos. Entrei me apaixonei e estou até hoje.

Você encontrou ou encontra dificuldades na profissão?

R: É mais a questão do ingresso né? O que um homem esta fazendo na educação infantil? Por parte das famílias, os abusos que vinham acontecendo no momento, fizeram um abaixo assinado na comunidade, um homem vai cuidar da minha filha? E se ele abusar? Mas foi contornado com o trabalho mesmo, com as monitoras era: agora não posso mais trabalhar de saia e que banheiro ele vai usar? Esses foram alguns dos problemas, mas foi contornado, eu não ligo muito para o olhar do outro, o que estão pensando, e aí eu toco pra frente. Se teve outras coisas, comentários, passou batido. Aqui é meu espaço, eu prestei concurso, passei, assumi e estou aqui.

Mas isso foi nos primeiros 15 dias, depois acabou. Acaba sendo escolhido depois.

Como você analisa seu trabalho docente?

R: Sou muito criterioso e sério no trabalho, não sou do tipo que acredita que basta ter amor, acredito no compromisso com a transformação.

O que você faz quando não esta trabalhando nesta escola?

R: Dobro período em EJA (Educação de Jovens e Adultos) e depois uma vida em família. Pretendo voltar a estudar em breve (mestrado).

Como é seu relacionamento com as famílias? E com os/as demais profissionais da escola?

R: Hoje é muito tranquilo, acredito que conquistei o respeito dos pais, dos profissionais e da rede. A divulgação boca a boca do trabalho sério me ajuda muito.

Como você desenvolve seu trabalho docente?

R: Primeiramente acredito muito no trabalho coletivo, tudo o que fazemos com a turma é discutido em reunião de setor. Trabalhamos com cantinhos, muita leitura, contos, brincadeiras de roda, sucatas.

Como você acha que as crianças e os demais profissionais vêm o seu trabalho?

R. As crianças gostam, elas têm como algo prazeroso. Os demais profissionais, os que já trabalharam comigo, já acostumaram com esse olhar do trabalho com Educação infantil, os que não trabalharam, acham ainda muito polemico. Elas até brincam - se você fosse monitor Luciano, você tava danado. Porque quando eu cheguei aqui, os bebês eram dentro do berçário, então a atividade deles era dentro da sala e no máximo iam ao solário. Eu disse não, vamos pro solário, vamos colocar portão no solário, a criança vai pra grama, ela vai na terra, ela vai pro parque, todas as crianças são da escola, elas não são do Luciano ou da outra professora, então no começo foi meio polêmico. Agora não, aos poucos a escola foi acostumando com esse jeito, e foram entrando também, por isso que eu falo - a gente tem que fazer a diferença. Quando eu parar de incomodar aqui, eu saio. Eu acho que a gente tem um papel, tem que incomodar. Enquanto eu tiver incomodando, eu fico ali. Igual hoje a gente tá tendo integração de sexta-feira, então toda sexta-feira, tá todo mundo junto e isso foram 2 anos fazendo esse debate do como é importante estar todo mundo junto, agora vamos fazer uma oficina junto com as crianças toda sexta-feira, isso antes era um absurdo de se pensar. Agora não, agora está tranquilo. Então, algumas polêmicas hoje já foram acampadas por outros, pelas outras monitoras, pelos outros agentes. Escorregar no barranco, por exemplo, antes era perigoso, agora estão todos lá escorregando, até do Ag I, já passaram por lá hoje e já escorregamos com eles. Então isso é legal de ver, eu não to no Ag I, mas continuaram o trabalho, muitas coisas que nós começamos... e eu falo sempre nós, porque não sou só eu o Luciano, quando eu cheguei e vi que não se tinha essa visão... Vamos estudar a importância disso, mas também vamos estar fazendo, não vamos ficar estudando o ano inteiro pra só realizar no outro ano, vamos dar esse passo...

Nesse momento uma pessoa ligada ao sindicato dos funcionários públicos de Campinas nos interrompe para oferecer um folheto informativo sobre uma assembleia geral que aconteceria em breve para decidir sobre a realização ou não de greve.

Decidi então aprofundar a questão do professor ter exercido sua função com bebês.

Então você já foi professor do Ag. I (berçário)?

R. Já, este é o segundo ano que estou com o Ag II, eu entrei aqui no Ag I. Apesar da direção na época, dizer: vai com os maiores, eles vão te dar menos trabalho, mas eu já vim, fui o primeiro a escolher na escola e falei: não! Eu quero os bebezinhos. E a direção: “não, é complicado, são bebes”, eles não queriam deixar claro que eu era homem... Meio velado...

Mas eu falei, se eu chegar na escola e for o primeiro: eu quero os bebezinhos... e foi.

É o segundo ano que eu to fora do Ag. I, mas por conta de sacanagem de atribuição, é aquela questão né? Quando você começa a ser polêmico, quando você começa a questionar muitas coisas, onde a direção conseguia me segurar ela segurou, que foi na hora da atribuição. “Ele não atribuiu Ag. I”, por conta que era importante mudar de turma, todas essas coisas. Mas não é... A gente acaba incomodando.

Então muitas coisas a gente conseguiu mexer na escola, lá na parte do Ag. I, e isso incomodou, então quando eles tiveram oportunidade de que não era mais escolha do professor e sim atribuição, aí eles não me atribuíram. Eu entrei com recurso e tudo, mas eu já sabia que não ia conseguir. Quando é atribuição punitiva, isso é ruim e foi o que aconteceu, porque eu não tive avaliação negativa do meu trabalho, nem por parte das famílias, nem por parte dos educadores... Mais tinha aquela coisa, já que ele (Luciano) complicou minha (direção) situação aqui o ano inteiro, então onde que eu puder pegar ele... Por exemplo, eu não chego atrasado, eles não têm o que falar quinze pras sete eu to na escola, minha sala tá organizada, os documentos estão sempre em ordem, então eu não dou brecha pra me pegar. Então onde eles (direção) podiam, eles me pegaram. É ruim, é prejudicial para o grupo, o grupo percebeu, os monitores falavam: ...ué, não era o Luciano no Ag I?...Os pais também... Mas tudo bem... São crianças, a gente trabalha bem.

Qual a sua opinião sobre a presença do homem na educação infantil?

R. Eu não trato como diferente. Muita gente tenta atribuir como bom porque a criança não convive com o pai e agora ela vai ter uma presença masculina. Eu não trato com esse olhar, eu acho que é mais um que vem pra somar ali dentro da escola. Alguns se identificam mais, outros menos. Na minha turma, por exemplo, 95% das crianças convivem com o pai e a mãe, mais ainda tem essa visão. Eu acho que não, é mais um que vem pra somar dentro da escola, no começo era muito esse olhar, “Ai que bom, ai que bom”. É igual a mulher num ambiente masculino, diz que vai trazer uma beleza, uma delicadeza pra esse espaço, eu não enxergo

desse jeito, eu acho que é mais um profissional ali. Eu não vim pra substituir o pai, o avô, nada disso, eu vim pra completar a escola. Não consigo aceitar essa ideia, como, por exemplo, quando eu ingressei no magistério, disseram ai que bom que tem um homem porque agora eles (alunos) vão obedecer, porque a mulher é muito tranquila, e agora eles vão obedecer porque agora é homem. Deus me livre, longe de mim.

